

# A alma dorme no mineral?

## Introdução

É comum ouvirmos a frase: "A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem", cuja autoria é atribuída a Léon Denis (1846-1927). Só que ninguém havia nos indicado onde, exatamente, ele teria dito isso. Na busca em que nos empenhamos para encontrá-la, acabamos por nos deparar com esta frase:

**Na planta, a inteligência dormita; no animal, sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí, o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas. (DENIS, 1989, p. 123) (grifo nosso).**

Obviamente que "dormir na planta" não é a mesma coisa que "dormir na pedra", que é, justamente, o ponto que causa polêmica em nosso meio, pois dela se tira que o princípio inteligente, em sua evolução, tenha passado também pelo reino mineral. Bom, a questão é saber o que Kardec disse sobre o assunto e se o seu sucessor, Léon Denis, teria dito algo em contrário.

## O Codificador

Vejamos, então, o que Allan Kardec (1804-1869) pensava sobre a evolução anímica. Inicialmente recorreremos ao que ele disse na Introdução da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*:

**Qualquer que seja, é um fato que não se pode contestar, pois é um resultado de observação, é que os seres orgânicos têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida, enquanto que essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e que ela é independente da inteligência e do pensamento: que a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas; enfim, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento, há uma dotada de um senso moral especial que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras, é a espécie humana.**

**Nós chamamos enfim inteligência animal o princípio intelectual comum aos diversos graus nos homens e nos animais, independente do princípio vital, e cuja fonte nos é desconhecida. (KARDEC, 2004, p. 3) (grifo nosso).**

Essa informação é importante para realçar que, já desde a primeira edição dessa obra, Kardec afirma, sem meias palavras, que "a inteligência e o pensamento são faculdades próprias de certas espécies orgânicas", parece-nos que, com isso, além de deixar de fora os seres inorgânicos, ele não estende a todos os seres orgânicos a inteligência e o pensamento; porém, somente a "certas espécies", o que será confirmado mais à frente, quando citarmos a pergunta 71 de *O Livro dos Espíritos*. Assim, acreditamos que, segundo ele, mesmo levando-se em conta que todos os seres orgânicos "têm em si uma força íntima que produz o fenômeno da vida", nem todos possuem esses dois atributos.

Os minerais são classificados como inorgânicos, sem vitalidade e sem movimentos próprios, formam-se apenas pela agregação da matéria (KARDEC, 2007a, p. 91). Baseando-nos nessa explicação de Kardec e somando-se ao fato de que ele exclui os seres inorgânicos de terem a inteligência e o pensamento, avaliamos que não há sustentação doutrinária para se concluir que o princípio inteligente possa animar os minerais.

É importante trazermos como Kardec definiu os seres orgânicos:

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São providos de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Nessa classe estão compreendidos os homens, os animais e as plantas. (KARDEC, 2007a, p. 91) (grifo nosso).

E, para que possamos diferenciá-los dos inorgânicos, trazemos também a definição desses: **“Seres inorgânicos são todos os que carecem de vitalidade, de movimentos próprios e que se formam apenas pela agregação da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc. (KARDEC, 2007a, p. 91) (grifo nosso).**

Então, segundo Kardec, podemos classificar os seres orgânicos em homens, animais e plantas, cujas características principais são: nascerem, crescerem, reproduzirem-se e morrerem, o que, segundo acreditamos, não acontece com os seres inorgânicos.

Em *A Gênese*, cap. X – Gênese Orgânica, Kardec, explicando a escala dos seres orgânicos, diz:

Entre o reino vegetal e o reino animal, nenhuma delimitação há nitidamente marcada. Nos confins dos dois reinos estão os zoófitos ou animais-plantas, cujo nome indica que eles participam de um e outro: servelhes de traço de união.

Como os animais, as plantas nascem, vivem, crescem, nutrem-se, respiram, reproduzem-se e morrem. Como aqueles, precisam elas de luz, de calor e de água; estiolam-se e morrem, desde que lhes faltem esses elementos. A absorção de um ar viciado e de substâncias deletérias as envenena. Oferecem como caráter distintivo mais acentuado conservarem-se presas ao solo e tirarem, dele a nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta. Como planta, mantém-se preso ao solo; como animal, a vida nele se acha mais acentuada: tira do meio ambiente a sua alimentação.

Um degrau acima, o animal é livre e procura o alimento: em primeiro lugar, vêm as inúmeras variedades de pólipos, de corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, só diferindo das plantas pela faculdade de locomoção; seguem-se, na ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto, os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas, os polvos, outros providos de conchas, como o caracol, a ostra; os crustáceos, cuja pele é revestida de uma crosta dura, como o caranguejo, a lagosta; os insetos, aos quais a vida assume prodigiosa atividade e se manifesta o instinto engenhoso, como a formiga, a abelha, a aranha. Alguns se metamorfoseiam, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Vem depois a ordem dos vertebrados, animais de esqueleto ósseo, ordem que abrange os peixes, os répteis, os pássaros; seguem-se, por fim, os mamíferos, cuja organização é a mais completa. (KARDEC, 2007b, p. 230-231) (grifo nosso).

É interessante o fato de que Kardec não apresenta nenhum ponto para que se possa estabelecer alguma ligação entre o reino mineral e o vegetal, como aqui faz entre o vegetal para o animal.

No livro *A Gênese*, capítulo III, Kardec estuda o Instinto e a Inteligência fazendo diversas considerações, nas quais vamos encontrar alguma coisa para dirimir possíveis dúvidas. Diz lá:

*O instinto é a força oculta que solicita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a conservação deles.* Nos atos instintivos não há reflexão, nem combinação, nem premeditação. É assim que a planta procura o ar, se volta para a luz, dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e fecha alternativamente, conforme se lhe faz necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno daquilo que lhes serve de apoio, ou se lhe agarram com as gavinhas. É pelo instinto que os animais são avisados do que lhes convém ou prejudica; que buscam, conforme

a estação, os climas propícios; que constroem, sem ensino prévio, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitos macios e abrigos para as suas progênes, armadilhas para apanhar a presa de que se nutrem; que manejam destramente as armas ofensivas e defensivas de que são providos; que os sexos se aproximam; que a mãe choca os filhos e que estes procuram o seio materno. No homem, só em começo da vida o instinto domina com exclusividade; é por instinto que a criança faz os primeiros movimentos, que toma o alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, tais como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio do corpo; tais ainda o piscar das pálpebras para moderar o brilho da luz, o abrir maquinal da boca para respirar, etc. (KARDEC, 2007b, p. 89) (grifo nosso).

Nessa fala de Kardec, fica claro, pelo menos para nós, que ele admite o instinto nas plantas, nos animais e nos homens, exatamente aqueles que foram classificados, por ele, como os seres orgânicos. Mas, “o que tem a ver instinto com inteligência?”, poderia alguém nos perguntar. Pois bem, essa dúvida foi respondida pelos Espíritos ao afirmarem ser o instinto uma espécie de inteligência, uma inteligência não racional (KARDEC, 2006, p. 104). Um pouco mais à frente, ao comentar a resposta à pergunta 75, o codificador explica:

O instinto é uma inteligência rudimentar, que difere da inteligência propriamente dita por serem quase sempre instantâneas as suas manifestações, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato deliberado.

O instinto varia em suas manifestações, conforme as espécies e suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade. (KARDEC, 2006, p. 105) (grifo nosso).

Portanto, pela ordem, as plantas, os animais e os homens, quer dizer, os seres orgânicos, voltamos a ressaltar, possuem o instinto, que é uma inteligência rudimentar, variando apenas quanto ao grau de sua manifestação. Entretanto, até agora, não vimos Kardec atribuindo também aos minerais esse princípio, ou que o mesmo tenha, por alguma vez, estagiado em seres inorgânicos, os quais não vemos como explicar que possam ter uma inteligência rudimentar, levando-se em conta que não possuem vitalidade; portanto, não estão sujeitos ao “nascer, crescer, reproduzir-se e morrer”, ciclo indispensável, segundo acreditamos, para que o progresso intelectual desse princípio inteligente se realize.

Vejamos algo interessante que parece-nos confirmar esse nosso modo de pensar, baseando-nos em Kardec, quando define os seres orgânicos (KARDEC, 2007a, p. 91):

*“Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse telle est la loi”* (“Nascer, viver, morrer, renascer ainda, progredindo sempre; tal é a lei”<sup>1</sup>). A frase encontra-se esculpida no dólmen de Kardec, no Cemitério Père-Lachaise, em Paris, traduzindo assim o princípio basilar da Doutrina Espírita.

Ela expõe a própria essência do processo evolutivo, que se desdobra em nuances no mais das vezes ininteligíveis à mente humana. [...] (PORTASIO FILHO, 2000, p. 116) (grifo nosso).

Se a frase constante do túmulo de Kardec traduz “o princípio basilar da Doutrina Espírita”, e ainda que “ela expõe a própria essência do processo evolutivo”, então aquilo que não se enquadrar nesse princípio, ou seja, no processo de “nascer, morrer, renascer ainda” não haveria evolução, que é, segundo o nosso julgamento, o caso dos minerais.

O esclarecimento a respeito do instinto de conservação, pode ajudar a clarear mais ainda essa questão, leiamos em *O Livro dos Espíritos*:

---

1 “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei” (Tradução do adv. João Frazão de Medeiros Lima, 2011).

702. *É lei da Natureza o instinto de conservação?*

“Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Nuns, é puramente maquinal, raciocinado em outros.”

703. *Com que fim outorgou Deus a todos os seres vivos o instinto de conservação?*

“Porque todos têm que concorrer para cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.”

728. *É lei da Natureza a destruição?*

“Preciso é que tudo se destrua para renascer e se regenerar. Porque, o que chamais destruição não passa de uma transformação, que tem por fim a renovação e melhoria dos seres vivos.”

(KARDEC, 2007a, p. 378 e 389) (grifo nosso).

Do que concluímos que todos os seres vivos, aqueles que têm vitalidade, ou seja, os seres orgânicos, possuem a inteligência em algum grau, que a vida é necessária a seu progresso e que a destruição é algo primordial para que isso aconteça; então, no que concerne aos minerais, que são seres inorgânicos, acreditamos que, s.m.j., nada disso se aplicaria.

Continuando, vejamos, agora, a questão 728a:

a) - *O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?*

“As criaturas são instrumentos de que Deus se serve para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos reciprocamente se destroem, destruição esta que obedece a um duplo fim: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.” (KARDEC, 2007a, p. 389-390) (grifo nosso).

Da afirmativa de que “a parte essencial é o princípio inteligente” ao se referir aos seres vivos, Kardec, ao que nos parece, está admitindo-o somente nos seres vivos; então, a questão é saber se os minerais podem ser considerados seres vivos.

E em *O Livro dos Espíritos*, ao trabalhar o conceito de alma, Kardec fala várias coisas, entre elas:

Evitar-se-ia igualmente a confusão, embora usando-se do termo *alma* nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo especificando o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Esta teria, então, um caráter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os *gases*, por exemplo, que se distinguem aditando-se ao termo genérico as palavras *hidrogênio*, *oxigênio* ou *azoto*. Poder-se-ia, assim dizer, e talvez fosse o melhor, a *alma vital* - indicando o princípio da vida material; a *alma intelectual* - o princípio da inteligência, e a *alma espírita* - o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas questão muito importante quando se trata de nos fazermos entendidos. De conformidade com essa maneira de falar, a *alma vital* seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a *alma intelectual* pertenceria aos animais e aos homens; e a *alma espírita* somente ao homem. (KARDEC, 2007a, p. 19) (grifo nosso).

Considera, portanto, a alma intelectual como pertencendo somente aos animais e aos homens.

Voltando à obra *A Gênese*, iremos encontrar uma fala de Kardec, que, a nosso ver, põe

em evidência como ele via o assunto. Vejamos, quando fala da “União do princípio espiritual e da matéria”, no capítulo XI, item 10:

Tendo a matéria que ser o objeto de trabalho do Espírito para o desenvolvimento de suas faculdades, era necessário que ele pudesse atuar sobre ela, pelo que veio habitá-la, como o lenhador habita a floresta. Tendo a matéria que ser, ao mesmo tempo, objetivo e instrumento do trabalho, Deus, em vez de unir o Espírito à pedra rígida, criou, para seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todas as impulsões da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

O corpo é, pois, simultaneamente, o envoltório e o instrumento do Espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste outro envoltório apropriado ao novo gênero de trabalho que deve executar, tal qual se faz com o operário, a quem é dado instrumento menos grosseiro, à proporção que ele se vai mostrando apto a executar obra mais bem cuidada. (KARDEC, 2007b, p. 241-242) (grifo nosso).

Pelo que podemos deduzir dessa fala, caso não tenhamos nos enganado, não há como admitir que o princípio inteligente tenha se estagiado nos minerais, cujos corpos são rígidos, sem vitalidade, e sem movimentos próprios. Para que o princípio inteligente possa desenvolver-se concordamos com Kardec de que é necessário que o seu corpo seja flexível, para receber os impulsos de sua vontade e prestar-se a todos os seus movimentos, ou seja, que, realmente, o corpo lhe sirva de instrumento de manifestação. E o detalhe é que o livro *A Gênese* foi publicado em janeiro de 1868, portanto, deixando de fora os fascículos da *Revista Espírita*, que seguem até março de 1869, época de sua morte, é a última obra da codificação, onde trata do assunto sobre a união do princípio espiritual e da matéria. Inclusive, segundo o jornalista e filósofo J. Herculano Pires (1914-1979), é nessa obra que Kardec “tornou clara e precisa a sua posição evolucionista quanto ao problema da evolução das espécies” (PIRES, 2005, p. 10) Por isso acreditamos que, a essa altura do campeonato, Kardec já tinha informações suficientes para deixar bem claro, caso fosse verdade, que o princípio inteligente passaria pelo reino mineral; porém, não foi o que aconteceu, conforme se vê dessa sua fala acima, pela qual chegamos a conclusão que o seu ponto inicial esteja no reino animal.

Na explicação da resposta à pergunta 71, de *O Livro dos Espíritos*, o codificador faz a seguinte consideração:

A inteligência é uma faculdade especial, peculiar a algumas classes de seres orgânicos e que lhes dá, com o pensamento, a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podem distinguir-se assim: 1º. - os seres inanimados, constituídos de matéria, sem vitalidade nem inteligência, que são os corpos brutos; 2º. - os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3º. - os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar. (KARDEC, 2007a, p. 96) (grifo nosso).

Assim, segundo a nossa forma de entender, fica claro, pelo que Kardec aqui coloca, que o reino mineral, por compor-se de seres inorgânicos, que não têm vitalidade, nem inteligência e nem movimentos próprios, conseqüentemente nele não há o princípio inteligente, o que ainda se confirma com: “A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica” (KARDEC, 2007a, p. 327) (grifo nosso).

Embora tenha considerado que o instinto é uma inteligência rudimentar, comum a todos os seres orgânicos – plantas, animais e homens – percebe-se que aqui Kardec não atribui a todos eles a inteligência, considerada para ele como uma faculdade especial. Ao que tudo indica ele toma como estágio inicial da inteligência o fato dela aliar-se com o pensamento e a vontade de atuar dando a certos seres orgânicos a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um.

Dessa distinção que Kardec faz dos seres, entendemos que ao dizer:

“1º os seres inanimados, constituídos de matéria, sem vitalidade nem inteligência, que são os corpos brutos”, estava se referindo aos minerais;

“2º os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência,” para enquadrar os vegetais;

“3º os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar”, classifica os animais.

Se a nossa conclusão, para cada item, estiver correta, podemos incluir o homem como um ser animado e pertencendo ao terceiro grupo.

Ainda sobre as características dos seres, temos algo a acrescentar, que consta em *O Livro dos Espíritos*, que vem, de outra forma, explicar o que ele disse na questão 71:

585. *Que pensais da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos? Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?*

“Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, apenas há seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

Esses quatro graus apresentam, com efeito, caracteres determinados, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte, que constitui o reino mineral, só tem em si uma força mecânica. As plantas, ainda que compostas de matéria inerte, são dotadas de vitalidade, possuem, além disso, uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem, tendo tudo o que há nas plantas e nos animais, domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

(KARDEC, 2007a, p. 327-328) (grifo nosso).

Levando-se em conta essa explicação de Kardec, pode-se deduzir que encontramos as seguintes características dos seres em cada um dos reinos:

- a) no reino mineral: matéria inerte que só tem em si a força mecânica;
- b) no reino vegetal: matéria inerte e dotados de vitalidade;
- c) no reino animal: matéria inerte, dotados de vitalidade e inteligência instintiva, ou seja, inteligência rudimentar;
- d) “no reino hominal”: matéria inerte, dotados de vitalidade, instinto e inteligência especial.

A matéria inerte é comum a todos os reinos, possivelmente, ela é o elo que promove a ligação entre eles, que faz com que “tudo na natureza se encadeia” (KARDEC, 2007a, p. 336), conforme dito por Kardec.

Dentro dessas explicações, também deduzimos que, para Kardec, somente a partir do reino animal é que existe inteligência, portanto, o princípio inteligente iniciar-se-ia nesse ponto.

Kardec continua insistindo:

586. *Têm as plantas consciência de que existem?*

“Não, pois que não pensam; só têm vida orgânica”.

589. *Algumas plantas, como a sensitiva e a dioneia, por exemplo, executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela pousa para sugá-la, parecendo que urde uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. São dotadas essas plantas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza*

*vegetal e Natureza animal? Constituem a transição de uma para outra?*

“Tudo em a Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. **As plantas não pensam; por conseguinte carecem de vontade.** Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

[...]

(KARDEC, 2007a, p. 328-329) (grifo nosso)

As plantas, seres inanimados, que pertencem ao reino vegetal não pensam, têm apenas vida orgânica, o que, em outras palavras, significa dizer que falta a elas manifestação da inteligência, pois está só se produz quando se une o pensamento com a vontade de atuar. Já em relação aos animais intermediários entre o reino vegetal e animal - ostras e zoófitos – diz possuírem uma inteligência rudimentar.

Em *A Gênese*, cap. III - O bem e o mal, ao falar da destruição dos seres vivos uns pelos outros, Kardec dá a seguinte explicação:

Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. (KARDEC, 2007b, p. 98) (grifo nosso).

Ao que tudo indica, para Kardec, é no reino animal – seres que lutam unicamente para viver - que o princípio inteligente “se elabora e ensaia para a vida”, ou seja, é nele que se desenvolve para, na sequência, vir a tornar-se um espírito humano. E, querendo que as coisas fiquem mais claras, Kardec volta à carga:

*607. Dissestes (190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde passa o Espírito essa primeira fase do seu desenvolvimento?*

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

a) - *Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?*

“Já não dissemos que **todo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade?** Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o **princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida**, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, **um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito.** Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, coisa alguma há de humilhante para o homem. Sentir-se-ão humilhados os grandes gênios por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se alguma coisa há que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para lhe sondar a profundidade dos desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheci a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual **tudo é solidário na Natureza.** Acreditar que Deus haja feito, seja o que for, sem um fim, e criado seres inteligentes sem futuro, fora blasfemar da Sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

(KARDEC, 2007a, p. 336-337) (grifo nosso).

Se não estivermos de todo enganados, acreditamos que ao dizer “os seres inferiores da criação” Kardec estaria referindo-se especialmente aos animais, assim como a sua menção aos “seres inteligentes sem futuro”.

Buscando-se também a questão 136a, vemos que a hipótese do princípio inteligente no mineral seria, s.m.j., de todo improvável, porquanto: “A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica” (KARDEC, 2007a, p. 125) (grifo nosso). Ora, o que falta no mineral é, justamente, a vida orgânica.

Na *Revista Espírita 1868*, especificamente no mês de setembro, Kardec tece alguns comentários sobre a crença de que a Terra teria uma alma, que são de interesse ao nosso estudo. Vejamos:

[...] A Terra é um ser vivo? Sabemos que certos filósofos, mais sistemáticos do que práticos, consideram a Terra e todos os planetas como seres animados, fundando-se sobre o princípio de que tudo vive na Natureza, desde o mineral até o homem. De início, cremos que há uma diferença capital entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta; há efeitos diferentes que acusam causas diferentes, ou pelo menos uma modificação profunda na causa primeira, se ela for única. (*Gênese*, cap. X, nº 16 a 19.)

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação.

Um fato não menos patente do que aquele que acabamos de falar é que o desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente; o organismo se completa à medida que as faculdades da alma se multiplicam. A escala orgânica segue constantemente, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e isso não poderia ser de outra maneira, uma vez que falta à alma um instrumento apropriado à importância das funções que ela deve preencher. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco sem os órgãos necessários à sua manifestação? Se, pois, a Terra fosse um ser animado servindo de corpo a uma alma especial, esta alma deveria ser ainda mais rudimentar do que a do pólipo, uma vez que a Terra não tem mesmo a vitalidade da planta, ao passo que, pelo papel que se atribui a essa alma, sobretudo na teoria da incrustação, dela se faz um ser dotado de razão e do livre arbítrio mais completo, um Espírito superior, em uma palavra, o que não é nem racional, nem conforme à lei geral, porque jamais o Espírito foi mais aprisionado e mais dividido. A ideia da alma da Terra, entendida nesse sentido, tão bem quanto aquela que faz da Terra um animal, deve, pois, ser alinhada entre as concepções sistemáticas e quiméricas. (KARDEC, 1993a, p. 261-262) (grifo nosso).

Desses argumentos de Kardec, ressaltam-nos quatro pontos importantes, quais sejam:

1º) estabelece uma diferença entre o movimento molecular de atração e de repulsão, de agregação e de desagregação do mineral e o princípio vital da planta, o que de certa forma é diferenciá-los no aspecto de terem vida;

2º) que o princípio da vida não tem a mesma fonte que o movimento molecular e nem do princípio inteligente;

3º) que um calhau<sup>2</sup> ou um pedaço de ferro tenham a faculdade de pensar, de querer e de compreender;

---

2 Calhau: pedaço, fragmento de rocha (HOUAIS).

4º) que o progresso da inteligência é atributo dos seres da escala orgânica, desde o pólipó<sup>3</sup> até o homem, ficando, portanto, de fora dessa lei os seres inorgânicos, entre os quais se encontram os minerais.

Para nós, todos esses pontos estão corroborando a hipótese de que o princípio inteligente não estagiaria no mineral, porquanto, ele faz parte dos seres inorgânicos. Dessa fala acima ainda destacamos:

Mas admitamos por um instante que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderia contestar que seja mais rudimentar ainda no mineral do que na planta; ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande; ninguém, cremos, pensou em dotar um calhau ou um pedaço de ferro da faculdade de pensar, de querer e de compreender. Mesmo fazendo todas as concessões possíveis a esse sistema, quer dizer, em nos colocando no ponto de vista daqueles que confundem o princípio vital com a alma propriamente dita. A alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente, uma vez que nele não se revela por nenhuma manifestação. (KARDEC, 1993a, 261-262). (KARDEC, 1993a, 261-262) (grifo nosso).

Pelo que se vê, Kardec não aceitava que o mineral tivesse alma, porquanto não diria “mesmo fazendo todas as concessões possíveis” para arrematar “a alma do mineral não estaria senão no estado de germe latente”, o “não estaria” é uma condicional, não uma afirmação de que pensava assim. Observar que, já no início desse parágrafo, ele se coloca como alguém que não comungava com essa ideia ao dizer “mas admitamos por um instante”, para logo a seguir concluir taxativamente: “ora, daí a uma alma cujo atributo essencial é a inteligência, a distância é grande”.

Há, é certo, uma coisa comum aos três reinos – mineral, vegetal e animal – é que, em todos eles, os elementos químicos, que formam as suas matérias, são os mesmos, variando, obviamente, nas suas combinações.

Kardec, discorrendo sobre os fluidos espirituais, assim pondera:

Tudo se liga na obra da criação. Outrora consideravam-se os três reinos como inteiramente independentes um do outro, e ter-se-ia rido daquele que tivesse pretendido encontrar uma correlação entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal. Uma observação atenta faz desaparecer a solução de continuidade, e prova que todos os corpos formam uma cadeia ininterrupta; de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão pelos caracteres gerais mais marcantes; mas sobre seus limites respectivos eles se confundem, ao ponto que se hesita em saber onde um acaba e o outro começa, e no qual certos seres devem ser classificados; tais são, por exemplo, os zoófitos ou animais plantas, assim chamados porque, ao mesmo tempo, têm do animal e da planta.

A mesma coisa tem lugar para o que concerne à composição dos corpos. Por muito tempo, os quatro elementos serviram de base às ciências naturais; caíram diante das descobertas da química moderna, que reconheceu um número indeterminado de corpos simples. A química nos mostra todos os corpos da Natureza formados desses elementos combinados em diversas proporções; é da variedade infinita dessas combinações que nascem as inumeráveis propriedades dos diferentes corpos. [...]

[...]

Todos os corpos da Natureza, minerais, vegetais, animais, animados ou inanimados, sólidos, líquidos ou gasosos, são, pois, formados dos mesmos elementos, combinados de maneira a produzirem a infinita variedade dos diferentes corpos, a ciência vai mais longe hoje; suas investigações a conduzem pouco a pouco à grande lei da unidade. Agora é quase geralmente admitido que os corpos reputados simples não são senão

---

3 Pólipó: Zool. Celenterado ger. sedentário cujo corpo, de consistência mole, é cilíndrico e oco, e fixa-se ao substrato por uma das extremidades, e é dotado de boca circundada por tentáculos na outra. (Aurélio)

modificações, transformações de um elemento único, princípio universal designado sob o nome de *éter*, *fluido cósmico* ou *universal*; de tal sorte que, segundo o modo de agregação das moléculas desse fluido, e sob a influência de circunstâncias particulares, adquire propriedades especiais que constituem os corpos simples; esses corpos simples, combinados entre si em diversas proporções, formam, como dissemos, a inumerável variedade dos corpos compostos. Segundo esta opinião, o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo não seriam igualmente senão modificações do fluido primitivo universal. Assim esse fluido que, segundo toda a probabilidade, é imponderável, seria ao mesmo tempo o princípio dos fluidos imponderáveis e dos corpos ponderáveis. (KARDEC, 1993b, p. 66-69) (grifo nosso).

Então, aqui, temos, segundo a nossa maneira de ver, aquilo que liga os três reinos da natureza: os elementos químicos que existem nas matérias das quais são formados os seus corpos, que "formam uma cadeia ininterrupta". Essa ligação é o que Kardec demonstra, e como está estabelecida somente no que se refere ao elemento material, por consequência, s.m.j., não poderíamos incluir nela o elemento espiritual, para daí concluir que o princípio inteligente tenha, na sua origem, estagiado no mineral. É o que também tiramos dos textos seguintes nos quais as expressões "tudo se liga" e "tudo se encadeia" são utilizadas:

[...] Se se observa a série dos seres, descobre-se que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, alfa e ômega de todas as coisas, que imensa lacuna! Será racional pensar-se que no homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu esta lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. **Tudo então se liga, tudo se encadeia**, desde o alfa até o ômega. Vós, que negais a existência dos Espíritos, preenchei o vácuo que eles ocupam. E vós, que rides deles, (KARDEC, 2007a, p. 59) (grifo nosso).

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na Sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, **tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza**. (KARDEC, 2007a, p. 123) (grifo nosso)

540. *Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?*

"Uns sim, outros não. Estabeleçamos uma comparação. Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto. Enquanto *se ensaiam para a vida*, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado um certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que **tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo**, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!"

(KARDEC, 2007a, p. 309) (grifo nosso).

E quanto à ligação entre o princípio material e o espiritual ela é, certamente, realizada pelo perispírito:

O Espírito mais não é do que a alma sobrevivente ao corpo; é o ser principal, pois que não morre, ao passo que o corpo é simples acessório sujeito à destruição. Sua existência, portanto, é tão natural depois, como durante a encarnação; está submetido às leis que regem o princípio espiritual, como o corpo o está às que regem o princípio material; mas, como estes dois princípios têm necessária afinidade, como reagem incessantemente um sobre o outro, como da ação simultânea deles resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são duas partes de um mesmo todo, tão natural uma quanto a outra, não sendo, pois, a primeira uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

Durante a sua encarnação, o Espírito atua sobre a matéria por intermédio do seu corpo fluídico ou perispírito, dando-se o mesmo quando ele não está encarnado. [...] (KARDEC, 2007b, 299-300) (grifo nosso).

Nesse ponto, Kardec explica que as manifestações dos espíritos nada têm de “milagroso”; porém, trata-se da ação dos espíritos sobre o mundo material, que acontece dentro do âmbito das coisas naturais. Essa ação é proveniente do perispírito, que tem, ao mesmo tempo, algo de material e espiritual; concluindo, um pouco mais à frente, quanto trata especificamente do perispírito, que:

Assim, tudo no Universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade. A Terra é qual vaso donde se escapa uma fumaça densa que vai clareando à medida que se eleva e cujas parcelas rarefeitas se perdem no espaço infinito. (KARDEC, 2007b, p. 321) (grifo nosso).

Vejamos, agora, duas transcrições das obras de Kardec, nas quais é mencionada a questão do princípio inteligente ter passado pelo reino mineral.

A primeira delas, vamos encontrar na *Revista Espírita 1865*, numa mensagem recebida em Paris, na qual não consta o seu autor espiritual:

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. [...]

Mas tudo não se detém em crer somente no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria e se desenvolvendo ao passar pelo exame severo do mineral, do vegetal, do animal, para chegar à humanidade, onde somente começa a se ensaiar a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na humanidade. Existem entre essas diferentes fases laços importantes que é necessário conhecer e que eu chamarei períodos intermediários ou latentes; porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Falar-vos-ei mais tarde dos laços que ligam o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal; uma vez que um fenômeno que vos espanta nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou vos entreter com estes últimos.

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. (KARDEC, 2000, p. 132-133) (grifo nosso).

No início tem-se como verdade o progresso da alma nos três reinos; porém, pareceu-nos contraditório, quando o autor disse que “este estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma”, porquanto estava, nesse momento, referindo-se somente ao reino animal, assunto que se propôs a tratar. Promete, para mais tarde, falar da relação entre o mineral e o vegetal e deste para a do animal, o que, infelizmente, não fez ou nós não a encontramos.

Kardec, ao comentar essa mensagem, muito cautelosamente, diz:

Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo. (KARDEC, 2000, p. 133-134) (grifo nosso).

A segunda, tiramo-la da carta escrita pelo Dr. Charles Grégory (?-?), fervoroso adepto do Espiritismo, a Kardec, que, a certa altura de sua defesa da Homeopatia, dá esta opinião:

E depois, como creio que o Espírito do homem, antes de se encarnar na humanidade, sobe todos os graus da escala e passa pelo mineral, a planta e o animal e na maioria dos tipos de cada espécie onde preludia seu completo desenvolvimento como ser humano, quem me diz que, dando-lhe medicamento o que não é mais nem o mineral, nem a planta, nem o animal, mas o que se poderia chamar a sua essência, de alguma sorte seu espírito, não se atua sobre a alma humana composta dos mesmos elementos? Porque, é preciso dizê-lo, o espírito é bem alguma coisa, e uma vez que se desenvolveu e se desenvolve sem cessar, precisou tomar esses elementos de alguma parte. (KARDEC, 1999, p. 169) (grifo nosso).

Como quase sempre fazia, Kardec não deixou também de tecer seus comentários a essa carta, neles pode-se ver que as observações do Dr. Charles, quanto a Homeopatia, foram consideradas pertinentes; entretanto, ao final de seus comentários, Kardec coloca o seguinte:

Em resumo, não contestamos que certos medicamentos, e a homeopatia mais do que qualquer outra, não produzem alguns dos efeitos indicados, mas não lhes contestamos mais senão os resultados permanentes, e sobretudo tão universais que alguns o pretendem. Um caso em que a homeopatia, sobretudo, pareceria particularmente aplicável com sucesso, é o da loucura patológica, porque aqui a desordem moral é a consequência da desordem física, e que está constatado agora, pela observação dos fenômenos espíritas, que o Espírito não é louco; não se tem o que modificá-lo, mas dar-lhe os meios de se manifestar livremente. A ação da homeopatia pode ser aqui tanto mais eficaz quanto ela atue principalmente, pela natureza espiritualizada de seus medicamentos, sobre o perispírito, que desempenha um papel preponderante nesta afecção.

Teríamos mais de uma objeção a fazer sobre algumas das proposições contidas nesta carta; mas isto nos levaria muito longe; contentamo-nos, pois, em colocar as duas opiniões em frente. Como em tudo, os fatos são mais concludentes do que as teorias, e são eles, em definitivo, que confirmam ou derrubam estas últimas, desejamos ardentemente que o Sr. o doutor Grégory publique um tratado especial prático da homeopatia aplicada ao tratamento das moléstias morais, a fim de que a experiência possa se generalizar e decidir a questão. Mais do que qualquer outro, ele nos parece capaz para fazer esse trabalho ex-professo. (KARDEC, 1999, p. 171-172) (grifo nosso).

Sinceramente, acreditamos que o “teríamos mais de uma objeção a fazer” de Kardec tinha por objetivo a crença de que a alma humana, em sua ascensão rumo à meta final, passa por todos os três reinos, levando-se em conta tudo quanto, em suas obras, vimos de sua maneira de pensar. Obviamente, que não descartamos a possibilidade de estarmos equivocados nessa conclusão.

Podemos ainda encontrar algo tratando o reino mineral como “criatura”:

Esse fluido penetra os corpos, como um oceano imenso. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres e a perpetua em cada globo, conforme a condição deste, princípio que, em estado latente, se conserva adormecido onde a voz de um ser não o chama. Toda criatura, mineral, vegetal, animal ou qualquer outra - porquanto há muitos outros reinos naturais, de cuja existência nem sequer suspeitais - sabe, em virtude desse princípio vital e universal, apropriar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião, e se grupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

Muito importa nos compenetrarmos da noção de que a matéria cósmica primitiva se achava revestida, não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, como também do universal princípio vital que forma gerações espontâneas em cada mundo, à medida que se apresentam as condições da existência sucessiva dos seres e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.

Efetua-se assim a criação universal. É, pois, exato dizer-se que, sendo as operações da Natureza a expressão da vontade divina, Deus há criado sempre, cria incessantemente e nunca deixará de criar. (KARDEC, 2007b, p. 135-136) (grifo nosso).

O problema, que reside aqui, é que Kardec fez questão de colocar que “Este capítulo é textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título - Estudos uranográficos e assinadas GALILEU. Médium: C. F.” (KARDEC, 2007b, p. 121). O que nos leva a crer que, dessa forma, deixa claro que não havia passado pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos; por isso, o assunto deveria ser tratado como hipótese, não como verdade doutrinária.

Bom, até aqui nós não conseguimos ver nada dito por Kardec de forma clara, objetiva e conclusiva para apoiarmos a hipótese de que o princípio inteligente tenha, em seu desenvolvimento intelectual e moral, passado pelo reino mineral, muito pelo contrário; entretanto, queremos deixar bem claro que encontrar-se-ão vários companheiros que advogam cada uma dessas duas hipóteses, coisa que além de natural é algo totalmente possível dentro do meio espírita, principalmente se levarmos em consideração essas duas afirmações de Kardec:

[...] Ele [o Espiritismo] deixa, pois, a cada um uma inteira liberdade de exame, em virtude deste princípio, de que a verdade sendo una, deve, cedo ou tarde, se impor sobre o que é falso, e que um princípio fundado sobre o erro cai pela força das coisas. [...] (KARDEC, 2000a, p. 306) (grifo nosso).

Cada um é livre para encarar as coisas à sua maneira, e nós, que reclamamos essa liberdade para nós, não podemos recusá-la aos outros. (KARDEC, 1993b, p. 5) (grifo nosso)

Por outro lado, é bom também não deixar de ter em mente que, para Kardec “*O Livro dos Espíritos* não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação”. (KARDEC, 1993b, p. 223), ou seja, não fecha questão colocando tudo como pronto e acabado; porém, abre uma porta para futuras considerações provenientes de estudos e de experiências.

## Luminares da codificação

Voltemos, agora, os nossos olhos para as obras de León Denis (1846-1927), cumprindo o que havíamos prometido no início, pois em duas delas encontramos algo relacionado ao tema:

### a) *Depois da Morte* (1890):

Tempo chegará em que todos esses vocábulos: materialista, positivista,

espiritualista, perderão sua razão de ser, porque o pensamento estará livre das peias e barreiras que lhe impõem escolas e sistemas. Quando perscrutamos o fundo das coisas, reconhecemos que matéria e espírito não passam de meios variáveis e relativos para expressão do que existe unicamente de positivo no Universo, isto é - a força e a vida, que, achando-se em estado latente no mineral, se vão desenvolvendo progressivamente do vegetal ao ente humano, e, mesmo acima deste, nos degraus inumeráveis da escala superior. (DENIS, 1987, p. 97) (grifo nosso).

Denis, pelo que percebemos, advoga, nesse ponto, a evolução do princípio inteligente, caso seja entendido como "a força e a vida", a partir do reino mineral; porém, em outras oportunidades pareceu-nos não admitir isso.

Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco, desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta a sensibilidade. Lentamente, a vida liberta-se dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar a inteligência e a razão. Teria cada alma percorrido esse caminho medonho, essa escala de evolução progressiva, cujos primeiros degraus afundam-se num abismo tenebroso? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir na plenitude de sua vontade, teria ela animado os organismos rudimentares, revestido as formas inferiores da vida? Em uma palavra: teria passado pela animalidade? O estudo do caráter humano, ainda com o cunho da bestialidade, leva-nos a supor isso.

O sentimento da justiça absoluta diz-nos também que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para o nada. Uma cadeia ascendente e continua liga todas as criações, o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal, e este ao ente humano. Liga-os duplamente, ao material como ao espiritual. Não sendo a vida mais que uma manifestação do espírito, traduzida pelo movimento, essas duas formas de evolução são paralelas e solidárias.

A alma elabora-se no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem, adquire o conhecimento, e na o mais pode retrogradar. Porém, em todos os graus ela prepara e conforma o seu invólucro. As formas sucessivas que reveste são a expressão do seu valor próprio. A situação que ocupa na escala dos seres está em relação direta com o seu estado de adiantamento. Não se deve acusar Deus por ter criado formas horrendas e desproporcionadas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam as resultantes das suas tendências e dos hábitos contraídos. Acontece que almas, atingindo o estado humano, escolhem corpos débeis e sofrendores para adquirirem as qualidades que devem favorecer a sua elevação; porém, na Natureza inferior nenhuma escolha poderiam praticar e o ser recai forçosamente sob o império das atrações que em si desenvolveu.

Essa explicação pode ser verificada por qualquer observador atento. Nos animais domésticos as diferenças de caráter são apreciáveis, e até os de certas espécies parecem mais adiantados que outros. Alguns possuem qualidades que se aproximam sensivelmente das da Humanidade, sendo suscetíveis de afeição e devotamento. Como a matéria e incapaz de amar e sentir, forçoso é que se admita neles a existência de uma alma em estado embrionário. Nada há aliás maior, mais justo, mais conforme a lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se por escalas inumeráveis, em cujo percurso elas próprias se formam: pouco a pouco se libertam dos instintos grosseiros e despedaçam a sua couraça de egoísmo para penetrarem nos domínios da razão, do amor, da liberdade. É soberanamente justo que a mesma aprendizagem chegue a todos, e que nenhum ser alcance o estado superior sem ter adquirido aptidões novas.

No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua responsabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real; novas tarefas chamam-na. As lutas do passado nada são ao lado das que o futuro lhe reserva. Os seus renascimentos em corpos carnis suceder-se-ão. De cada vez,

ela continuará, com órgãos rejuvenescidos, a obra do aperfeiçoamento interrompida pela morte, a fim de prosseguir e mais avançar. Eterna viajora, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera, para o Bem, para a Razão infinita, alcançar novos níveis, aprimorar-se sem cessar em ciência, em critério, em virtude. (DENIS, 1987, p. 132-134) (grifo nosso).

Apesar de afirmar que há uma cadeia ascendente tanto no aspecto material quanto no espiritual, ligando todos os seres da criação, ao dizer sobre a elaboração da alma, Denis, nessa sua fala, a coloca no reino animal.

Ao falar da evolução perispiritual, Denis faz as seguintes considerações:

As relações seculares entre os Espíritos e os homens, confirmadas, explicadas pelas recentes experiências do Espiritismo, demonstram a sobrevivência do ser sob uma forma fluidica mais perfeita.

Essa forma indestrutível, companheira e serva da alma, testemunho de suas lutas e de seus sofrimentos, participa de suas peregrinações, eleva-se e purifica-se com ela. Gerado nos últimos degraus da animalidade, o ser perispiritual sobe lentamente a escala das espécies, impregnando-se dos instintos das feras, das astúcias dos felinos, e também das qualidades, das tendências generosas dos animais superiores. Até então mais não é que um ser rudimentar, um esboço incompleto. Chegando a Humanidade, começa a ter sentimentos mais elevados; o espírito irradia com maior vigor e o perispírito ilumina-se com clarezas novas. De vidas em vidas, a proporção que as faculdades se dilatam, que as aspirações se depuram, que o campo dos conhecimentos se alarga, ele se enriquece com sentidos novos. Como a borboleta que sai da crisalida, assim também o corpo espiritual desprende-se de seus andrajos de carne, sempre que uma encarnação termina. A alma, inteira e livre, retoma posse de si mesma e, considerando, em seu aspecto esplendido ou miserável, o manto fluidico que a cobre, verifica seu próprio estado de adiantamento. (DENIS, 1987, p. 183) (grifo nosso).

Se foi colocado que o perispírito gerou-se nos últimos degraus da animalidade, então, concluímos, que, s.m.j. Denis tem o reino animal como princípio da evolução da alma humana.

b) *O Problema do Ser, do Destino e da Dor* (1905):

O homem é, pois, ao mesmo tempo, espírito e matéria, alma e corpo; mas talvez espírito e matéria não sejam mais do que simples palavras, exprimindo de maneira imperfeita as duas formas da vida eterna, a qual dormita na matéria bruta, acorda na matéria orgânica, adquire atividade, se expande e se eleva no espírito. (DENIS, 1989, p. 63). (grifo nosso).

Aqui a frase é bem semelhante àquela que lhe atribuem, colocada no início do texto, entretanto, fala da "vida eterna", que é algo abrangente e, necessariamente, pode não significar especificamente o princípio inteligente.

A lei do progresso não se aplica somente ao homem; é universal. Há, em todos os reinos da Natureza, uma evolução que foi reconhecida pelos pensadores de todos os tempos. Desde a célula verde, desde o embrião errante, boiando à flor das águas, a cadeia das espécies tem-se desenrolado através de séries variadas, até nós.(108)

Cada elo dessa cadeia representa uma forma da existência que conduz a uma forma superior, a um organismo mais rico, mais bem adaptado às necessidades, às manifestações crescentes da vida; mas, na escala da evolução, o pensamento, a consciência e a liberdade só aparecem passados muitos graus. Na planta a inteligência dormita; no animal ela sonha; só no homem acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente; a partir daí o progresso, de alguma sorte fatal nas formas inferiores da Natureza, só se pode realizar pelo acordo da vontade humana com as leis Eternas.

(108) Os seres monocelulares encontram-se ainda hoje aos bilhões, em cada organismo

humano.

Não foi de uma única célula que saiu a série das espécies; foi antes a multidão das células que se agrupou para formar seres mais perfeitos e, de degrau em degrau, convergir para a unidade.

(DENIS, 1989, p. 122-123) (grifo nosso)

Agora, dá uma reviravolta dizendo que é na planta que a inteligência dormita, com isso dá uma pista para definir qual é realmente a sua posição, que, parece-nos ser mais para deixar de fora o reino mineral, caso não estejamos forçando a barra, em virtude do que concluímos em Kardec.

Na sequência, iremos trazer as conclusões de **Gabriel Delanne (1857-1926)**, contemporâneo de Léon Denis, que se dedicou ao aspecto científico do Espiritismo. Especificamente, desenvolveu um estudo sobre o assunto na obra *A Evolução Anímica*, e também falou alguma coisa nestas duas outras: *O Espiritismo perante a ciência* e *A Reencarnação*. Vejamo-las, pela ordem de publicação:

a) *O Espiritismo perante a ciência* (1885):

O que nos falta dizer é como o perispírito pode ter adquirido todas as qualidades necessárias ao funcionamento de uma maravilha como é o corpo humano. É preciso que estabeleçamos por que processo esta organização fluidica pode dirigir as diferentes categorias de ações orgânicas que compõem a vida.

Segundo acreditamos, quanto mais o espírito se eleva mais se lhe depura o invólucro. Podemos, pois, dizer, olhando para o passado, que, quanto mais grosseiro é o invólucro, menos adiantado é o espírito; donde a conclusão de que a alma humana, antes de animar um organismo tão perfeito como o corpo humano, teve que passar pela fieira animal: Não pretendemos que o princípio inteligente tenha sido obrigado a atravessar a fase vegetal, porque nas plantas não encontramos sinal algum de sensibilidade bem nitidamente acusada. Os movimentos de certas dioneias, como a mimosa pudica, vulgarmente chamada sensitiva, não bastam para estabelecer esta propriedade nas raças vegetais. Tomaremos, pois, como ponto de partida das evoluções do princípio inteligente os mais rudimentares animais. (DELANNE, 1993, p. 310) (grifo nosso).

Vê-se, então, que, para Delanne, o ponto de partida da evolução do princípio inteligente é o reino animal.

Logo no início dessa obra, encontramos algo que pode nos indicar aquilo que faz a ligação entre os três reinos:

O corpo do homem rejeita o que nutre a planta; a planta transforma o ar, que nutre o animal; o animal nutre o homem, e os seus resíduos, levados pelo ar à superfície da terra vegetal, renovam e entretêm a vida das plantas. Todos os mundos: vegetais, minerais, animais, se unem, se penetram, se confundem e transmitem a vida por um movimento que é dado ao homem verificar e compreender. Eis por que - diz ele - "circulação da matéria é a alma do Mundo". (DELANNE, 1993, p. 18) (grifo nosso).

Não seria o "tudo na natureza se encadeia", dito por Kardec?

b) *A Evolução anímica* (1895)

[...] O Espírito, transitando pela matéria vivente, desde as primitivas eras do mundo, conseguiu paulatinamente, a transformação progressiva e aperfeiçoada. Cremos seja ele o agente de evolução das formas orgânicas e, daí, a razão do perispírito, conservando-lhe as leis. Nem foi senão lentíssima e progressivamente que essas leis se lhe incrustaram na contextura. (DELANNE, 1989, p. 53) (grifo nosso).

Preciso, é, portanto, demonstrarmos a unidade do princípio pensante

**no homem e no animal, e estabelecermos que não há transições bruscas entre um e outro; que a lei de continuidade não se interrompe, que o homem não constitui um reino à parte no seio da natureza, e que só mediante uma evolução contínua, por esforços consecutivos, chega a atingir o ponto culminante na criação. (DELANNE, 1989, p. 56) (grifo nosso).**

Do homem ao macaco, deste ao cão; da ave ao réptil e deste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma degradação insensível. Todos os seres se tocam, formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das formas extintas ou desaparecidas. Nessa hierarquia dos seres, o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestável direito; mas, isso não o coloca fora da série, e quer simplesmente dizer que ele é o mais aperfeiçoado dos animais. (DELANNE, 1989, p. 62) (grifo nosso).

**A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial. Somos, evidentemente, o último ramo a florido da grande árvore da vida, e resumimos, acumulando-os, todos os caracteres físicos, intelectuais e morais, assinalados isoladamente em cada um dos indivíduos que perfazem a séries dos seres. (DELANNE, 1989, p. 83) (grifo nosso).**

A Natureza opera sempre em continuidade nas manifestações sucessivas que perfazem o conjunto dos fenômenos terrestres.

Já no reino mineral se torna possível encontrar o traço de uma futura vida orgânica. O cristal é quase um ser vivente, visto que difere completamente da matéria amorfa, tendo as moléculas orientadas por uma ordem geométrica, fixa e, por tanto, uma tal ou qual individualidade. Nele existem os primeiros lineamentos da reprodução, visto como a mínima de suas parcelas, mergulhada num soluto idêntico, permitirá o desenvolvimento regular e indefinido dessa partícula, constituindo um cristal semelhante ao primeiro. Não há, finalmente, uma só parte do seu bloco, cuja avaria não se possa reparar. (DELANNE, 1989, p. 184-185) (grifo nosso).

[...] No mundo inorgânico tudo é cego, passivo, fatal; jamais se verifica progresso, não há mais que mudanças de estados, as quais em nada modificam a natureza íntima da substância. No ser inteligente há aumento de poder, desenvolvimento de faculdade latente, eclosão do ser, a traduzir-se por exaltação íntima do indivíduo. (DELANNE, 1989, p. 234) (grifo nosso).

É no seio tépido dos mares primitivos, sob a ação da luz, do calor e de uma pressão hoje difícil, senão impossível de reproduzir-se, que se formou essa massa viscosa chamada protoplasma, primeira manifestação da vida inteligente, que deve desenvolver-se progressiva e paralelamente, e produzir a inumerável multidão de formas vegetais e animais, para chegar, após uma série de séculos ou milênios, à obra tão pacientemente perseguida: - a aparição do ser consciente – o homem. (DELANNE, 1989, p. 238) (grifo nosso).

A evolução terrestre

Não encerrando os terrenos primitivos qualquer traço de matéria organizada, temos por certo que a vida surgiu na Terra em um dado momento. Vimos que ela, a vida, não é mais que uma modificação da energia, a preludiar-se naturalmente na construção geométrica dos cristais que se organizam, reparam as fraturas e reproduzem-se acidentalmente, quando, cindidos por uma força exterior, se mergulha em água-mãe a parte lascada.

Essa matéria, porém, é inerte, desprovida de espontaneidade; torna-se-lhe necessária a adjunção do princípio intelectual para poder animar-se. É um problema que fica resolvido com o protoplasma. Não há individualidade nessas massas gelatinosas, moles, viscosas, que tomam indiferentemente todas as formas; mas, logo que se opera uma condensação na massa, como sucedeu com as nebulosas, essa condensação chama-se núcleo. Depois, o protoplasma reveste-se de uma camada mais densa e é o começo do invólucro membranoso. A partir desse momento, está o ser vivo constituído; é a célula que há de ser molécula vital, de que se formam todos os seres organizados. Animais ou vegetais, do mais simples ao mais complexo, não passam de associação

de células mais ou menos diferenciadas. Todo o trabalho futuro consistirá nesse agrupamento, e os meios utilizados pela Natureza, para variar a sua obra primitiva, são bem simples, resumem-se em duas proposições: seleção natural ou, melhor dito - luta, pela vida, e influência do meio, cuja ação é enérgica para variar as formas, a alimentação e os instintos. (DELANNE, 1989, p. 238-239) (grifo nosso).

O princípio pensante percorreu, lentamente, todas as escalas da vida orgânica, e foi por meio de uma ascensão ininterrupta, em transcurso de séculos inumeráveis, que ele pôde pouco a pouco, demoradamente, fixar no invólucro fluídico todas as leis da vida vegetativa, orgânica e psíquica.

Foi-lhe preciso rematerializar-se um sem-número de vezes para que todos esses movimentos, sentidos, conscientes, desejados, chegassem à inconsciência e ao automatismo perfeito, que caracterizam as reações vitais e as ações reflexas. Não é de improviso que o ser, seja qual for, chega a esse resultado, pois a Natureza não faz milagres, e opera sempre do simples para o complexo. Para que um ser tão complexo quanto o homem, que reúne os caracteres mais elevados de todas as criaturas vivas, possa existir, importa, absoluta e necessariamente, tenha percorrido toda a série, cujos diferentes estados ele em si resume. (DELANNE, 1989, p. 244-245) (grifo nosso).

Por estas várias passagens podemos ver que Delanne continua firme em manter-se na ideia de que o princípio inteligente iniciou seu processo evolutivo no reino animal, que, como já vimos, faz parte dos seres orgânicos.

Nessa obra, também, vemos um trecho que corrobora o “tudo na natureza se encadeia”, já mencionado um pouco atrás:

[...] Quanta grandeza nessa marcha lenta, porém firme, para chegar ao homem, florescência da força criadora, joia que resume e sintetiza todo o progresso, receptáculo de todas as formas, colônia viva, hierarquizada de todas as formas de vida, pois que nele concorrem, e se prestam mútuo auxílio, todos os reinos. A estrutura óssea é o mundo mineral, mas quão melhorado, vitalizado! Os sais, inertes *in natura*, aí estão vivos, mutáveis e permutáveis, mas conservando, em seu trânsito, o caráter essencial – a solidez!

Depois, é o mundo vegetal nas células que apresentam variedade e opulência incapazes de serem ultrapassadas por qualquer planta. Em seguida, é o reino animal que fornece sucessivamente os melhores órgãos, nos quais encontramos o esboço de aperfeiçoamento, de espécie em espécie, até atingir o tipo definitivo da humanidade. [...] (DELANNE, 1989, p. 76-77) (grifo nosso).

Também para Delanne, ao que nos parece, é a matéria que faz a ligação entre os três reinos.

### c) A reencarnação (1927):

Em nossos dias existem, ainda, representantes de todas as mentalidades possíveis. Desde as plantas até o homem, passando por todo o reino animal, há uma série gradual e contínua, que parte da inconsciência quase total até à plena luz da razão que ilumina os homens superiores. (DELANNE, 1987, p. 71) (grifo nosso).

#### Formação e desenvolvimento gradual do espírito

Se bem que a natureza íntima do princípio pensante nos seja ainda desconhecida, somos obrigados a procurar-lhe as origens em todos os seres vivos, por ínfimos que nos possam parecer. Sem dúvida, a individualidade desse princípio não é aparente nas formas inferiores, mas há uma necessidade lógica de ver em todas as manifestações vitais uma ação desse princípio espiritual, mesmo quando ele está, ainda, indistinto nos seres que estão na base da escala orgânica, como eu o dizia na memória apresentada ao Congresso Espirita, em 1898.

Somos, pois, obrigados, pela força da lógica, a buscar no reino

vegetal o exórdio da evolução anímica, porque a forma que as plantas tomam e conservam durante a vida implica a presença de um duplo perispiritual, que preside às trocas e mantém a fixidez do tipo. (DELANNE, 1987, p. 72) (grifo nosso).

Delanne, ao que tudo indica, muda de ideia, embora não tenha deixado isso expresso, para, agora, situar o início da evolução do princípio inteligente não mais no reino animal; mas, sim, no vegetal.

### Estudiosos da codificação

Vejamos alguns renomados estudiosos da Doutrina Espírita:

#### a) Cairbar Schutel (1868-1938)

A alma não podia deixar de ter o seu começo, o seu nascimento, no reino animal, nos seres da criação, onde passou por todas as transformações indispensáveis ao seu progresso; onde evoluiu, chorando ali, trabalhando acolá, brincando além, para após essas alternativas de tristezas, de gemidos, de lutas e de alegrias, despontar na Humanidade, onde mediante o seu progresso, mais esclarecida e dotada de outros atributos prepara o glorioso surto de gênio para a posse da Vida na Imortalidade! (SHUTEL, 1982, p. 31) (grifo nosso).

Não é nos templos, nem nas academias, que encontraremos o registro da nossa individualidade, mas, sim, *na escala inferior dos seres, no reino animal*, de que o nosso *corpo carnal* é o mais característico exemplar.

Poderá alguém negar esta verdade, que se evidencia aos olhos de todos os que querem ver?

Examine o leitor, com espírito perscrutador, o reino animal e o reino hominal, e verá que não encontra entre estes reinos limites distintamente traçados.

No extremo do reino animal com o reino vegetal, estão os zoófitos ou animais plantas, nome que indica pertencerem eles a ambos os reinos, servindo-lhes de tração de união. E no extremo do reino animal com o reino hominal encontramos o orangotango, o chimpanzé, o gorila, que a tal ponto apresentam as maneiras do homem que, por muito tempo, foram designados sob o nome de *homens dos bosques*. (SHUTEL, 1982, p. 43) (grifo nosso).

Caibar Schutel coloca, de forma bem categórica, que o início da evolução da alma só poderia ser no reino animal.

#### b) Durval Ciamponi (1930- )

Nós, particularmente, baseados nos autores citados e na Codificação Espírita, admitimos que o início da evolução da alma, na Terra, se deu no protoplasma primitivo (matéria orgânica que continha fluido vital). Mas com isso não queremos dizer que o princípio inteligente tenha sido criado naquele instante, somente porque havia condições propícias para início da sua evolução neste mundo.

Emmanuel (2), diz: “com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens”. Ainda afirma que o “protoplasma foi embrião de todas as organizações do globo terrestre” e que “os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminoides, as amebas e todas as organizações unicelulares”.

Dizemos, em sentido figurado, que o protoplasma foi a chocadeira apropriada para receber a mônada do plano espiritual em sua primeira “encarnação” no orbe terrestre, ou na linguagem de André Luiz - “as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma”.

(2) EMMANUEL (Espírito). *A Caminho da Luz*, cap. I e II, Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Edição FEB, Rio de Janeiro – RJ, 1975.

(CIAMPONI, 2001, p. 34) (grifo nosso).

[...] preferimos ficar com a ideia mais simples, com os Espíritos, quando afirmam que espírito e matéria são distintos (LE, 25). Embora a união entre ambos seja necessária para a manifestação da alma, isto não quer dizer que em todo "átomo primitivo", princípio material, exista um princípio espiritual.

Kardec, em toda a Codificação, deixa entrever que o princípio inteligente é distinto do princípio material. No item 83, LE, ao questionar a ideia panteísta ou não do Espiritismo, deixa claro seu pensamento a respeito da existência de "massa" material distinta da inteligente de onde provieram os espíritos. Igualmente, nos itens 60 a 70 fica clara a distinção entre o que é princípio espiritual e os reinos formados pelo princípio material: reino orgânico e reino inorgânico. Esta diferença aparece bem definida no LE, 585, onde os Espíritos afirmam: "encarados sob o aspecto material, não há senão seres orgânicos e seres inorgânicos", Kardec conclui, depois, que "a matéria inerte, que constitui o reino mineral, não possui mais do que uma força mecânica". Ao se tomar ao pé da letra a ideia do item 540 de que a todo átomo primitivo está associado um princípio espiritual, somente porque o arcanjo dele começou, tem-se, por dedução lógica, que não há reino inorgânico e que os dois princípios, material e espiritual, são apenas as duas faces de um mesmo ser.

Preferimos, pois, entender que os Espíritos estejam falando no LE, 540, de "átomo", no sentido de "indivisível", isto é, do corpo material mais simples para início da peregrinação evolutiva da alma. É a ideia da "mônada", como criação divina na sua forma mais simples e ignorante possível (LE, 115), seja em relação ao corpo (*res extensa*), seja em relação ao espírito (*res cogitans*). Se assim é, a resposta do LE, 540, se completaria: É assim que tudo serve, tudo se encadeia na natureza desde a mônada primitiva até o arcanjo, pois ele mesmo começou pela mônada.

Em todo *O Livro dos Espíritos* e em toda a Codificação se fala que o princípio inteligente está associado ao princípio material, qualquer que seja o grau de evolução em que se encontra, e também que o princípio vital é o elemento intermediário entre o espírito e a matéria (LE, 65, 135, 135a, 257), mas não diz que o princípio material está sempre associado ao espiritual.

#### *Reino Inorgânico e Reino Orgânico*

O principal problema do homem é saber onde termina o reino inorgânico, urdido pelo pensamento Divino e sustentado pelas forças de atração, e começa o reino orgânico, onde há vida ou matéria animalizada capaz de permitir sua "manipulação" por um princípio espiritual, inicialmente por instinto e depois por sua inteligência.

A ciência diz que no reino inorgânico não há vida. Uma pedra é um objeto inanimado e sem vida, não se reproduz, não responde a estímulos, não se movimenta e não se alimenta em nenhuma situação. Em *O Livro dos Espíritos*, questões ligadas ao princípio vital, item "Seres Orgânicos e Inorgânicos", se diz que "inorgânicos são os seres que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar etc.", de acordo com o que diz a ciência. Na questão 585 repetem a mesma informação.

Não há, pois, como aceitar a ideia de que a vida começa no reino mineral, sentido defendido por muitos espíritas, quando se referem à expressão de Léon Denis, de que a "alma dorme na pedra".

O máximo que se pode admitir, semelhante com a expressão de Denis, é a citação de Delanne, *Evolução Anímica*, Cap. I, quando diz "alma e perispírito formam um todo indivisível, constituindo, no conjunto, as partes ativa e passiva, as duas faces do princípio pensante". Na introdução do livro, diz a mesma coisa. "Todos os Espíritos, qualquer que seja o grau de seu progresso, são, portanto, revestidos de um invólucro invisível e imponderável".

É bom lembrar que esta permanente ligação do espírito à matéria é racionalmente lógica. Mas não se fala aqui da matéria bruta, inerte, amorfa, onde existe apenas a força de atração entre seus elementos constitutivos, e sim da matéria primitiva, fluídica, certamente associada ao princípio espiritual no momento da criação, formando para ele seu corpo primitivo de ação, isto é, seu primeiro perispírito ou corpo mental.

Repetimos: o princípio inteligente criado está sempre associado à matéria, mas nem sempre o princípio material está associado ao espiritual. Conseqüentemente poderemos ter corpo material sem um

### princípio inteligente.

Igualmente não se pode dizer que a vida começa no reino mineral com base no item 18 do capô VI, de *A Gênese*, somente porque ali está escrito que o fluido universal penetra todos os corpos, dando nascimento à vida dos seres. Há diferentes interpretações no que está escrito no item 18 e no item 19.

Galileu diz, no item 18, que as moléculas do mineral têm certa soma do princípio vital, admitindo, como consequência, as "gerações espontâneas sobre cada mundo, à medida que se manifestam as condições de existência sucessiva dos seres, quando soa a hora da aparição, dos filhos da vida, durante o período criador". No item 19, Galileu fala da criação do espírito que não chega à iluminação senão depois de haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais elabora lentamente a obra de sua individualidade.

Galileu, no item 18, fala do surgimento da vida na matéria, isto é, da matéria animada, orgânica, do protoplasma primitivo, ao passo que no item 19 refere-se à criação do princípio inteligente, no mundo espiritual. Não há, pois, como concluir, desta lição de Galileu, que a primeira vivência da criatura espiritual se deu no reino inorgânico ou mineral. (CIAMPONI, 2001, p. 67-70) (grifo do original, a não ser o do sétimo parágrafo que é nosso).

Em resumo o pensamento de Ciamponi é: "Não há, pois, como aceitar a ideia de que a vida começa no reino mineral, sentido defendido por muitos espíritas, quando se referem à expressão de Léon Denis, de que a "alma dorme na pedra".

### c) Dr. Ary Alex (1916-2001)

#### Atuação do Princípio Inteligente não Começa nos Minerais

Perguntaram-me se a atuação do princípio inteligente começava a partir dos minerais. Respondi: não. Aos amigos leitores do JE, ante o debate que se abriu em sua edição de agosto/99, com a mesma pergunta, digo, antes de respondê-la que é mister lembrar as características dos seres vivos.

Já há séculos, distribuíram tudo quanto existe na Terra em três reinos: mineral, vegetal e animal. Tentou a vaidade humana criar para o homem um quarto reino - seria o reino hominal, o que não se justifica, pois o homem está enquadrado no reino animal.

**SERES BRUTOS E SERES VIVOS** - Os vegetais e os animais, dadas as qualidades que os aproximam, podem ser agrupados com o rótulo de seres organizados. Para os cientistas, existe uma barreira intransponível entre os seres brutos (inorgânicos) e os seres vivos, pois as propriedades peculiares à vida só se encontram nos animais e vegetais.

Este é um ponto em que o Espiritismo está inteiramente de acordo com as ciências biológicas. O Espiritismo ensina que a matéria precisa ser impregnada pelo fluido vital para que possa ser utilizada pelo espírito (nos seres inferiores) costuma-se chamar de "princípio espiritual".

Gabriel Delanne, em seu livro *A Evolução Anímica*, explica a diferenciação entre seres brutos e vivos com uma clareza meridiana. Mas em que qualidade reside a diferença entre eles? Podemos responder que não há uma qualidade que, sozinha, permita distinguir os minerais dos seres vivos, mas um conjunto de caracteres o permite: forma, propriedades físico-químicas, metabolismo, irritabilidade e evolução.

a) **FORMA**: Geralmente os seres brutos não têm forma própria, ao passo que os vivos possuem forma específica. Por exemplo: quando falamos "areia", não estamos determinando forma alguma, nem quantidade; quando dizemos "mosca", estamos nos referindo a um ser que tem forma e tamanho certos. Se a areia tivesse um princípio inteligente ou espiritual, ele corresponderia a um grão de areia ou a toda a areia do litoral?

b) **PROPRIEDADES FÍSICO-QUÍMICAS**: Os minerais apresentam composição química simples, sendo as moléculas formadas de poucos átomos, ao passo que a substância viva é complexa. Suas moléculas possuem milhares de átomos, como o caso da hemoglobina e das proteínas em geral. A composição dos seres brutos, além de simples, é estável, enquanto que a instabilidade caracteriza os vivos, pois a matéria organizada está em constante renovação.

Mas não é só. Para haver vida, é preciso haver protoplasma, componente das

células, formado principalmente por proteínas. Na Terra, só pôde surgir a vida no momento em que, na atmosfera, por meio das descargas elétricas, uniram-se metano, amônia, água e hidrogênio, formando-se os primeiros aminoácidos (Experiências de Urey e Miller). Estes se combinaram, formando proteínas, as quais se aglomeraram nos coacervados e estes originaram células (Oparim, cientista russo). Todas as células têm cromossomos e ADN, que não existem nos minerais.

c) **IRRITABILIDADE:** Frente aos estímulos do meio exterior, os seres vivos reagem, por meio de movimentos, produção de secreções, reações agressivas ou tantas outras. Os minerais não têm irritabilidade: podemos bater numa pedra, aquecê-la, dar choques elétricos, que não teremos resposta alguma.

d) **METABOLISMO:** O ser vivo retira do meio ambiente os alimentos de que necessita, incorporando-os ao seu organismo (anabolismo). No desgaste vital, decompõem-se substâncias do seu corpo, produzindo-se resíduos, que são eliminados (catabolismo). A glicose é queimada, produzindo energia, gás carbônico e água. Os minerais não têm metabolismo. Uma pedra do pico do Jaraguá, lá está, do mesmo jeito, há muitos milhões de anos.

e) **EVOLUÇÃO:** Todo ser vivo nasce, cresce, vive, reproduz-se e morre. Os minerais não apresentam esse ciclo vital: eles não nascem e nem morrem - sua duração é ilimitada. Imaginemos, por um desvario da imaginação, que um bloco de granito tivesse um princípio espiritual. Coitado dele - ficaria preso, imutável, sem evoluir, durante muitos milhões de anos.

Imagine mais, se cada átomo ou partícula atômica componente do bloco tivessem também um agente estruturador, como se diz atualmente, a comandar-lhe o equilíbrio íntimo - coitado deles.

Uma das leis que o Espiritismo prega é a sublime lei da Evolução: todos os seres evoluem permanentemente, desde a ameba até o homem; todos eles, através de múltiplas vivências no mundo físico, estão se aperfeiçoando, estão aprendendo, estão plasmando corpos cada vez mais perfeitos, enquanto o espírito vai progredindo sempre. A evolução da forma é concomitante com a evolução do espírito.

Delanne, em seu livro *A Evolução Anímica*, cap. 1, A Vida, diz: "Organização e evolução não podem ser compreendidas só pelo jogo das leis físico-químicas. Os materialistas, com o negarem a existência da alma, privam-se voluntariamente de noções indispensáveis à compreensão dos fenômenos vitais do ser animado; e os filósofos espiritualistas por sua vez, empregando o senso íntimo como instrumento único de investigação, não conheceram a verdadeira natureza da alma; de sorte que, até agora não lhes foi possível conciliar numa explicação comum, os fenômenos físicos e os mentais".

Continua Delanne: "No mundo inorgânico, tudo é cego, passivo, fatal; jamais se verifica progresso; não há mais que mudanças de estados, que em nada modificam a natureza íntima da substância".

**AS FRONTEIRAS DA VIDA** - Embora sejam tão evidentes essas diferenças entre os seres brutos e os seres vivos, podem surgir certas dúvidas. Quantas vezes já foram a nós trazidas estas objeções: e os cristais, que têm formas próprias, serão vivos? E os vírus?

Realmente, os cristais têm formas características: as suas moléculas se agregam formando cubos, pirâmides de bases hexagonais ou octogonais, e assim por diante. Porém aqui a única semelhança é a forma, mas esta é consequência apenas de leis físicas de atração, que levam as moléculas do cristal a se agruparem formando figuras geométricas. Os cristais não têm nenhuma das outras qualidades dos seres vivos: são formados geralmente de moléculas pequenas; não nascem, nem crescem, nem morrem, permanecendo indefinidamente, até que um agente externo dissolva as moléculas no líquido que os abriga. Não reagem aos estímulos externos, não têm metabolismo e não evoluem.

Os fogos de artifício traçam no céu desenhos interessantes, de variadas cores e tamanhos. Vamos dizer que têm vida porque plasmaram figuras?

Quanto aos vírus, o problema já é mais difícil. Vejamos um resumo do que nos ensina Luc Montagner, um dos maiores virologistas do mundo, que conseguiu identificar o vírus da AIDS (*Virus e Homens*, Luc Montagner. Tradução de Maria Luiza Borges - Jorge Zahar Editor -1995). Diz ele: "No fim do século XIX, quando a origem bacteriana das doenças infecciosas foi reconhecida, o

termo vírus ou vírus filtrantes passou a ser aplicado a agentes transmissíveis, que são invisíveis ao microscópio e passam através dos filtros de porcelana, que retêm as bactérias. Foi assim que se demonstrou a origem viral de doenças que afetam plantas, como o mosaico do tabaco, e outras responsáveis por doenças animais e humanas, como a gripe, a poliomielite, a varíola etc.. A invenção do microscópio eletrônico permitiu observá-los diretamente".

Continua Montagner: "Os vírus são seres vivos? Não exatamente, porque só existem no interior das células de que são parasitas. O programa genético está inscrito na banda magnética formada pelo ARN ou pelo ADN. Ele é centenas de milhares de vezes mais curto que aquele que contém o programa genético da célula. Para poder sobreviver no exterior da célula, o vírus está encerrado numa casca de proteínas, a qual por vezes está cercada por um invólucro de lipídios".

Penetrando célula, o vírus começa a se reproduzir, usando o material da própria célula. Enzimas específicas produzem milhares de cópias do ADN, cujo mecanismo não citaremos, por desnecessário. Todas elas são mensagens que dirigem a síntese das proteínas virais. Formam-se nossos vírus, que saem das células, indo infectar outras.

Estudando esses fatos, os biólogos e infectologistas ficaram na dúvida se poderiam ou não considerar os vírus como seres vivos. Primeiro, porque só conseguem viver dentro de células, reproduzindo-se às custas do material destas. Segundo porque não têm as demais características dos seres vivos.

A CODIFICAÇÃO E OS NEGOCODIFICADORES - Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, livro I, cap. IV, Princípio Vital, comentando a questão 71, explica: "Podemos fazer a seguinte distinção: 1º) os seres inanimados, formados somente de matéria, sem vitalidade, nem inteligência: são os corpos brutos; 2º) os seres animados não pensantes, formados de matéria e dotados de vitalidade, mas desprovidos de inteligência; 3º) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo ainda um princípio inteligente que lhes dá a faculdade de pensar".

Na resposta à questão 136-a, os Espíritos disseram que "a vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo sem vida orgânica". Portanto, o princípio espiritual não pode habitar um mineral.

Como introdução ao estudo do Princípio Vital, a partir da questão 60, Kardec escreve que "os seres orgânicos são os que trazem em si mesmos uma fonte de atividade íntima, que lhes dá a vida: nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. Compreendem os animais e as plantas. Os seres inorgânicos são os que não possuem vitalidade nem movimentos próprios, sendo formados apenas pela agregação da matéria: os minerais, a água, o ar etc..."

**Apesar de Kardec e Delanne ensinarem, de maneira tão peremptória, que o princípio espiritual não habita o mineral, por este não lhe oferecer as condições de utilização ou de agitabilidade... ideias orientais, infiltradas no movimento espírita, vêm lançando a confusão neste terreno.**

Dizem, por exemplo, que tudo no Universo tem vida, desde o átomo até as estrelas; que em tudo há a manifestação divina, através de um princípio espiritual, que impregna toda a matéria. Não, não e não. O átomo, a molécula, os minerais, a água, o ar, estão simplesmente sujeitos às leis físicas, não às leis do Espírito. Não queiramos ver nas leis de tração, que regem o Universo do átomo às estrelas, qualquer coisa de espiritual.

Também nas afinidades químicas, como a que faz os átomos de cloro buscarem uma combinação com os de sódio, formando o cloreto de sódio, ou sal de cozinha. Nessa combinação não há amor ou afinidade psíquica, como dizem os sonhadores, mas simplesmente afinidade química.

Mas não são só os orientais, nas suas meditações nos píncaros do Himalaia, que dizem isto. Infelizmente, pensadores do mais alto gabarito estão querendo fazer uma simbiose entre ideias desses religiosos místicos em êxtase com a física quântica. Tais pensadores lembra a atuação de um "agente estruturador externo ao Universo material, para que se forme a mais elementar das subpartículas atômicas", dando origem ao átomo. Por exemplo, diz Carlos de Brito Imbassahy, em *A Bioenergia no Campo do Espírito*, item 2.1, que experiências no acelerador do LEP mostravam "que algo comandava as ações dessas partículas, como se tivessem uma alma ou espírito próprio, evidentemente distinto do que se considera alma animal".

Haverá, então, dois dirigentes da estruturação material, um que agiria nos átomos e outro nos seres vivos? Não, o assunto já é complexo demais; não vamos complicar mais ainda. Essas são elucubrações teóricas de mentes cultas e avançadas, mas inteiramente destoantes dos ensinamentos da Codificação. Mineral não tem vida, não abriga nenhum princípio espiritual.

A matéria, como ensina Kardec, é apenas substância usada pelos Espíritos para sua trajetória no mundo terreno. Não evolui, não tem individualidade ou personalidade. Não queiramos inovar, em terreno tão escorregadio."

"7o. JORNAL ESPÍRITA, SETEMBRO DE 1999 - EM DEBATE"  
(Site O Portal do Espírito) (grifo nosso).

A posição do Dr. Ary Alex é clara: não, o princípio inteligente não passa pelo reino mineral.

#### d) J. Herculano Pires (1914-1979)

Alguns etnólogos e mitólogos, como André Lang e Max Freedom Long, citados por Ernesto Bozzano, chegaram a aceitar a possibilidade de traços e características animais em raças humanas. Essas suposições, de origem evidentemente totêmicas, não passam do plano especulativo. O homem não se define pela sua aparência corporal, onde as marcas da animalidade ancestral podem aparecer de maneira generalizada e não específica. O espírito humano, que é a essência do homem e a única ficha de sua identidade evolutiva, revela em toda parte e em todos os tempos a sua unidade espiritual. Essa unidade não provém da forma corporal, mas da consciência. A diferenciação das espécies, particularmente das superiores, torna-se prenhe nas suas características psíquicas. A unidade do espírito humano é perfeita e invariável em todas as raças do passado e do presente. **Porque as espécies superiores, tanto nos reinos mineral, vegetal, animal e humano, revelam sempre a supremacia espiritual da espécie, que se despe das heranças da ganga das metamorfoses para se fixar no plano superior da vida.** A animalidade humana revela apenas a deficiência do progresso espiritual e da vitória do espírito no ser em desenvolvimento. As potencialidades do ser, suficientemente definido no processo evolutivo como desta ou daquela espécie, sofrem naturalmente atrasos acidentais, dando aos observadores desprovidos de dados de observações de pesquisas mais completas a impressão de resíduos das espécies superadas. [...] (PIRES, 2005, p. 43-44) (grifo nosso).

[...] A alma é a subjetividade que se oculta no corpo, como a orquídea nas ramagens de uma árvore, e ali se entrança com as fibras vegetais para, servindo-se da seiva como de um combustível sutil, florir em expressões de sonho e beleza na primavera. Se não conhecêssemos o processo parasitário, certamente confundiríamos puras parasitas com as flores genésicas da árvore que se definirão em frutos. Hegel distinguiu o reino vegetal como um sistema de pura e permanente doação. **Herdamos do mineral a estabilidade aparentemente fixa e resistente de nossas estruturas ósseas, dos vegetais a sensibilidade perceptiva e dos animais e motilidade vibrante que supera de muito a lenta movimentação dos tropismos.** Nosso corpo possui as características desses três reinos, mais a alma, que acrescenta a essas heranças a produção epifenômica da nossa estrutura ôntica, que não deriva da matéria, mas do espírito. Vivemos como um ser espiritual e não como pedra, planta ou animal. (PIRES, 2005, p. 56-57) (grifo nosso).

Segundo o que pudemos entender, Herculano Pires aceita a possibilidade do princípio inteligente, na sua escalada evolutiva, ter passado pelo reino mineral, embora em uma de suas falas, a da segunda transcrição, isso parece não ocorrer.

De onde poderia ter vindo essa ideia?

Não logramos êxito em nossa tentativa visando precisar a origem dessa ideia; porém, algumas possibilidades temos para apresentar.

a) De uma tradição Tibetana, que diz:

Um Deus-Átomo dorme em cada pedra. Logo, desperta em cada planta. Move-se em cada animal; pensa em cada homem e ama em cada anjo. Por conseguinte, devemos tratar cada pedra como se fora um vegetal. A cada vegetal com o um animal querido. Cada animal como um ser humano e todo ser humano como a um anjo. (RUSSO, s/d, p. 112).

b) Da teoria do pampsiquismo proposta por Geley:

Apresentamos essa teoria do Dr. Gustave Geley (1868-1924), conforme o prof. Herculano Pires relata:

Gustave Geley, em seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, lançou a teoria do pampsiquismo, segundo a qual todas as coisas e seres encerram em si mesmos um dínamo-psiquismo inconsciente que se desenvolve na temporalidade. A psique, ou alma, constituiria assim a essência dinâmica de todas as coisas. Do minério à humanidade se processaria incessantemente o desenvolvimento psíquico universal. Mas Kardec, muito antes de Geley, explicara, em *O Livro dos Espíritos*, obra básica do Espiritismo, que o espírito se apresenta no Cosmos como um elemento fundamental de toda a realidade conhecida. O Universo inteiro se constitui de dois elementos fundamentais, o espírito e a matéria, de cuja interação resultam, num processo dialético hegeliano, todas as coisas e todos os seres, conhecidos e desconhecidos. [...] (PIRES, 2005, p. 41) (grifo nosso).

Tentamos encontrar essa obra de Geley, que é citada no texto; mas, infelizmente, ainda não foi traduzida para o português. Pelo que aqui consta, Herculano Pires, ao que nos parece, comungava dessa ideia. Particularmente acreditamos que o pampsiquismo não se coaduna com o pensamento de Kardec, que foi categórico em afirmar que os corpos inorgânicos não têm vida.

A definição de pampsiquismo, conforme a *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, é:

Essa palavra vem do grego pan, "tudo", e psuché, "alma". O vocábulo indica que todas as coisas são possuidoras de alma, de algum elemento imaterial, usualmente incluindo a ideia de algum nível de inteligência. [...] De acordo com esse ponto de vista, não há tal coisa como matéria inanimada, embora possa haver formas de vidas ativas e altamente inteligentes; mas estaria vivo o próprio humilde átomo, ainda que dormente. E de átomos é que todas as coisas se compõem. Alguns estudiosos têm exposto essa ideia como necessária a qualquer teoria da evolução. Se a matéria é viva, então não é preciso qualquer grande salto de fé para crer-se que a matéria viva poderia ter progredido até formas mais elevadas de vida, com altas expressões de inteligência. (CHAMPLIN e BENTES, 1995, p. 37) (grifo nosso).

Entre vários filósofos, que acreditavam no pampsiquismo, os autores Russell N. Champlin (1933- ) e J. M. Bentes (1932- ) citam: Giordano Bruno (1548-1600), Tomasso Campanella (1568-1639), Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716). Segundo o Dicionário Houaiss, foi Leibniz quem notabilizou essa doutrina.

d) Da "Revelação da Revelação" de Jean-Baptiste Rostaing (1805-1879):

A vida universal está assim, por toda a natureza, em germen eterno, graças a essa quinta-essência dos universal fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente as necessidades da harmonia universal, as necessidades de todos os mundos, de todos os reinos, de todas as criaturas no estado material ou no estado fluídico.

Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar.

O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia a vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a

si tudo o que haja atingido a perfeição.

Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado cataléptico, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas.

Tais princípios sofrem passivamente, através das eternidades e sob a vigilância dos Espíritos prepostos, as transformações que os hão de desenvolver, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal e pelas formas e espécies intermediárias que se sucedem entre cada dois desses reinos.

Chegam dessa maneira, numa progressão contínua, ao período preparatório do estado de Espírito formado, isto é, ao estado intermédio da encarnação animal e do estado espiritual consciente. Depois, vencido esse período preparatório, chegam ao estado de criaturas possuidoras do livre arbítrio, com inteligência capaz de raciocínio, independentes e responsáveis pelos seus atos. Galgam assim o fastígio da inteligência, da ciência e da grandeza.

Em sua origem, a essência espiritual, princípio de inteligência, Espírito em formação, passa primeiro pelo reino mineral. *Anima* o mineral, se deste modo nos podemos exprimir, servindo-nos dos únicos recursos que oferece a linguagem humana apropriada às vossas inteligências limitadas. **Tudo, com efeito, na Natureza, tem existência, porquanto tudo morre.** Ora, aquilo que morre traz em si o princípio de vida, sendo conseqüentemente animado por uma inteligência *relativa*.

Esta palavra - inteligência - pode causar surpresa, tratando-se da vida de uma coisa inerte. Certamente, em tal caso, não há nem pensamento, nem ação. A essência espiritual, nesse estado, se mantém inconsciente de seu ser. Ela é, eis tudo.

No estado então de simples essência de vida, absolutamente inconsciente de seu ser, ela constrói o mineral, a pedra, o minério, atraindo e reunindo os elementos dos fluidos apropriados, *por meio de uma ação magnética atraente, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos*.

Quanto mais inconsciente é o Espírito no estado de formação, tanto mais direta e incessante é a ação desses Espíritos.

Guardai bem na memória, pois que o dizemos aqui para não mais o repetirmos: em qualquer dos reinos, mineral, vegetal, animal e humano, nada é sem o concurso dos Espíritos do Senhor, que todos têm uma função a desempenhar, uma vigilância a exercer. Não há Espíritos prepostos à formação de um *determinado* mineral, de um *determinado* vegetal, de um *determinado* ser do reino animal, ou do reino humano. Os Espíritos têm uma ação geral e conforme às leis naturais e imutáveis, que ainda não vos é permitido nem possível compreender. A vigilância eles a exercem sobre as massas.

O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza. A pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir, do mesmo modo que a planta separada do solo, perdem a vida natural.

A essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos Espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto.

O corpo do mineral, seus despojos, são utilizados pela humanidade, de acordo com o que suas necessidades lhe impõem.

Não vos admireis de que a coesão subsista no mineral, por séculos muitas vezes, depois que dele se retirou a essência espiritual que foi necessária à sua formação.

Cada espécie de matéria tem suas propriedades *relativas*, segundo leis naturais e imutáveis que ainda não podeis compreender.

O corpo humano, em certas condições, não conserva coesas todas as suas partes materiais, embora o Espírito já se tenha retirado dele?

Não se observam, entre os vegetais, casos de longa duração material? Certas plantas não conservam as aparências da vida, a frescura dos tons e a rizeza da haste, muito tempo depois de separadas do solo que as alimentava e, por conseguinte, do princípio latente da inteligência que nelas residia?

**Tudo na Natureza se mantém e se encadeia e tudo se faz em proveito e**

utilidade do Espírito que se tornou consciente de seu ser.

Os corpos mortos, sejam pedra, planta, ser do reino animal ou do reino humano, têm que concorrer para a harmonia universal, desempenhando as funções que lhes são assinadas.

A essência espiritual, que no mineral reside, não é uma individualidade, não se assemelha ao pólipo que, por cissiparidade, se multiplica ao infinito. Ela forma um conjunto que se personifica, que se divide, quando há divisão na massa em consequência da extração, e atinge desse modo a individualidade, como sucede com o princípio que anima o pólipo, com o princípio que anima certas plantas. A essência espiritual sofre, no reino mineral, sucessivas materializações, necessárias a *prepará-la* para passar pelas formas intermédias, que participam do mineral e do vegetal. Dizemos - *materializações*, por não podermos dizer - encarnações para estrear-se *como ser*.

Depois de haver passado por essas formas e espécies intermediárias, que se ligam entre si numa progressão contínua, e de se haver, sob a influência da dupla ação magnética que operou a vida e a morte nas fases de existências já percorridas, *preparado para sofrer no vegetal a prova, que a espera*, da *sensação*, a essência espiritual, Espírito em estado de formação, passa ao reino vegetal.

É um desenvolvimento, mas ainda sem que o ser tenha consciência de si. A existência material é *então* mais curta, porém mais progressiva. Não há nem consciência, nem sofrimento. *Há sensação*.

Assim, a árvore da qual se retira um galho experimenta uma espécie do eco da seção feita, mas não sofrimento. E como que uma repercussão que vai de um ponto a outro, sucedendo o mesmo quando a planta é violentamente arrancada do solo, antes de completado o tempo da maturidade.

Repetimos: *há sensação*, não há *consciência nem sofrimento*. E um *abalo magnético* o que a árvore *experimenta*, abalo que *prepara* o Espírito em estado de formação para o desenvolvimento do *seu ser*.

Morto o vegetal, a essência espiritual é transportada para outro ponto e, depois de haver passado, sempre em marcha progressiva, pelas necessárias e sucessivas materializações, percorre as formas e espécies intermediárias, que participam do *vegetal* e do *animal*. Só então, nestas últimas fases de existência, que são as em que aquela essência começa a ter a impressão de *um ato exterior*, ainda que *sem consciência de sua causa* e de *seus efeitos*, há *sensação de sofrimento*.

Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito em formação efetua assim, sempre numa progressão contínua, o seu desenvolvimento com relação à matéria que o envolve e chega a adquirir a *consciência* de ser.

Preparado para a vida ativa, exterior, para a vida de relação, passa ele ao reino animal.

Torna-se então princípio inteligente de uma *inteligência relativa*, a que chamais - *instinto*; de uma inteligência *relativa* às necessidades físicas, à conservação, a tudo o que a vida material exige, dispondo de vontade e de faculdades, *mas* limitadas àquelas necessidades, àquela conservação, à vida material, à função que lhe é atribuída, à utilidade que deve ter, ao fim a que é destinado em a natureza, sob os pontos de vista da conservação, da reprodução e da destruição, na medida em que haja de concorrer para a vida e para a harmonia universais.

Sempre em estado de formação, pois que não possui ainda livre arbítrio, inteligência independente capaz de raciocínio, consciência de suas faculdades e de seus atos, o Espírito, sem sair do reino animal, seguindo sempre uma marcha progressiva contínua e de acordo com os progressos realizados e com a necessidade dos progressos a realizar, passa por todas as fases de existência; sucessivas e necessárias ao seu desenvolvimento e por meio das quais chega às formas e espécies intermediárias, que participam do animal e do homem. Passa depois por essas espécies intermediárias, que, pouco a pouco, insensivelmente, o aproximam cada vez mais do reino humano, porquanto, se é certo que o Espírito sustenta a matéria, não menos certo é que a matéria lhe auxilia o desenvolvimento.

Depois de haver passado por todas as transfigurações da matéria, por todas as fases de desenvolvimento para atingir um certo grau de inteligência, o

Espírito chega ao ponto de preparação para o estado espiritual consciente, chega a esse momento que os vossos sábios, tão pouco sabedores dos mistérios da natureza, não logram definir, momento em que *cessa o instinto e começa o pensamento*.

Quando se vos falou do Espírito no estado de infância, no estado, por conseguinte, de ignorância e de inocência; quando se vos disse que o Espírito era criado simples e ignorante, tratava-se, está bem visto, da fase de preparação do Espírito para entrar na humanidade. Fora inconsequente, *então*, dar esclarecimentos sobre a origem do Espírito. Notai que ela foi deixada na obscuridade. Ainda hoje seria cedo para desenvolver esse ponto. Utilizai-vos, porém, do que vos dizemos, porquanto, ao tempo em que este vosso trabalho aparecer *aos olhos de todos*, os Espíritos encarnados já se acharão mais dispostos a receber *o que então*, e mesmo hoje(13), tomariam por uma monstruosidade, ou por uma tolice ridícula.

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os Espíritos se preparam, de fato, em mundos *ad-hoc*, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de inocência e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas inocência e faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre arbítrio, a vida moral, a inteligência independente e capaz de raciocínio, a responsabilidade.

Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser *humanizado* se vier a *falir*, o Espírito se encontra num estado de inocência completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade.

A estátua acabou de receber as formas. Sob a direção e a vigilância dos Espíritos prepostos, o Espírito formado se cobre dos fluidos que lhe compõem o invólucro a que chamais - *perispírito*, corpo fluídico que se torna, para ele, o instrumento e o meio ou de realizar um progresso constante e firme, desde o ponto de partida daquele estado até que haja atingido a perfeição moral, que o põe ao abrigo de todas as quedas; ou de cair, caso em que o perispírito lhe será também instrumento de progresso, de reerguimento, mediante encarnações e reencarnações sucessivas, expiatórias a princípio e por fim gloriosas, até que atinja aquela perfeição moral.

---

13. Mês de abril de 1863.

(ROUSTAING, 1984, p. 292-305) (grifo nosso).

Observai como tudo se encadeia na imensa Natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam, que tudo mantêm e pelos quais atravessa o Espírito no estado de formação. Passando sucessivamente por todos os reinos e por aquelas espécies intermediárias, o Espírito, mediante um desenvolvimento gradual e contínuo, ascende da condição de essência espiritual originária à de Espírito formado, à vida consciente, livre e responsável, à condição de homem. São elos preciosos que tudo ligam, que prendem as coisas umas às outras, a fim de que o homem possa mais facilmente compreender a *unidade* dessa criação tão grande, tão grande, que a inteligência humana é incapaz de apreendê-la e cujos mistérios se recusa a admitir, por não conseguir desvendá-los com seus olhos de toupeira. (ROUSTAING, 1984, p. 319-320) (grifo nosso).

Um único é, originariamente, o ponto de partida para todos os Espíritos: - formação primitiva e rudimentar pela quinta-essência dos fluidos, substância tão sutil que dela, por nenhuma expressão, podem as vossas inteligências limitadas fazer ideia, quinta-essência que a vontade de Deus anima para lhe dar *o ser* e que constitui a essência espiritual (princípio de inteligência) destinada a tornar-se, por uma progressão contínua, Espírito, Espírito formado, isto é, inteligência independente, dotada de livre arbítrio, consciente de sua vontade, de suas faculdades e de seus atos.

Segue-se a encarnação, ou melhor, a co-materialização dessa essência espiritual mediante a sua união íntima com a matéria inerte, *primeiramente* no reino mineral e nas espécies intermediárias que

participam do mineral e do vegetal, *depois* no reino vegetal e nas espécies intermediárias que participam do vegetal e do animal. *Desse modo*, numa contínua marcha progressiva, se opera o seu desenvolvimento, que a prepara e conduz às raias da consciência da vida.

Em seguida vem a encarnação no reino animal, *depois* nas espécies intermediárias que, do ponto de vista do invólucro material, participam do animal e do homem, adquirindo assim aquela essência (Espírito em estado de formação), sempre em progressão contínua, a consciência da vida ativa exterior, da vida de relação. o desenvolvimento intelectual que a levará aos limites do período preparatório que precede o recebimento do livre arbítrio, da vida moral, independente e responsável, característica do *livre* pensador. (ROUSTAINIG, 1984, p. 355-356) (grifo nosso).

Colocamos essas transcrições da obra de Roustanig, porque as encontramos em nossa pesquisa; porém, pedimos ao leitor que, para aceitá-las ou não, leve em conta as considerações que Kardec fez na *Revista Espírita 1866* (p. 190-192), das quais transcrevemos o seguinte trecho:

O autor dessa nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las. Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita. (KARDEC, 1993b, p. 190-191) (grifo nosso).

De nossa parte ainda questionamos o subtítulo "Revelação das Revelações", que segundo Roustaing, é "os quatro evangelhos, explicados em espírito e verdade pelos Evangelistas com a assistência dos Apóstolos e de Moisés", como sendo uma dele dizer que sua obra está acima da revelação Espírita, o que nos afigura pouco provável, porquanto, não há lógica alguma os Espíritos passem duas revelações simultâneas, com uma sobrepujando a outra. Por que motivo então, não passaram já a segunda? Será que o "João Evangelista" que aparece entre as assinaturas em *O Livro dos Espíritos* (KARDEC, 2007a, p. 63) e em duas mensagens, uma em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (KARDEC, 2007c, p. 167) e a outra em *A Gênese* (KARDEC, 2007b, p. 392) é o mesmo que assistiu a Roustaing? Além dessas manifestações encontramos na *Revista Espírita 1861*, o registro da ata da sessão geral de 14 de dezembro de 1860, da Sociedade Espírita de Paris, na qual se tem notícia de que "A Senhorita J... teve várias comunicações de João Evangelista" (KARDEC, 1993c, p. 5). Será que o espírito João Evangelista estava sofrendo de transtorno psicótico, se for o mesmo que se manifestou nas duas revelações?

e) Da coleção André Luiz (espírito), psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002):

Vários autores citam do livro *No Mundo Maior e do Evolução em Dois Mundos*, da série André Luiz, respectivamente, os seguintes trechos: "A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo, libertatório;..." (XAVIER, 1984, p. 45) e "Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais [...], o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética". (XAVIER, 1987, p. 33).

Vele a pena ver, nessas duas obras, os textos mencionados:

#### 1) *No mundo maior*

Interrompi o estudo comparativo, depois de acurada perquirição, e fixei Calderaro em silenciosa interrogativa.

O prestimoso mentor argumentou, sorridente:

– Depois da morte física, o que há de mais surpreendente para nós é o reencontro da vida. Aqui aprendemos que o organismo perispirítico que nos condiciona em matéria mais leve e mais plástica, após o sepulcro, é fruto igualmente do processo evolutivo. Não somos criações milagrosas, destinadas ao adorno de um paraíso de papelão. Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio a milênio. Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno, e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito. **A crisálida de consciência, que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório;** as árvores que por vezes se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do Inverno e acalentadas pelas carícias da Primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra. Em verdade, Deus criou o mundo, mas nós nos conservamos ainda longe da obra completa. Os seres que habitam o Universo ressumbrarão suor por muito tempo, a aprimorá-lo. Assim também a individualidade. Somos criação do Autor Divino, e devemos aperfeiçoar-nos integralmente. O Eterno Pai estabeleceu como lei universal que seja a perfeição obra de cooperativismo entre Ele e nós, os seus filhos.

O mentor silenciou por instantes, sem que me acudisse ânimo suficiente para trazer qualquer comentário aos seus elevados conceitos.

Logo após, indicou-me a medula espinhal e continuou:

– Creio ociosa qualquer alusão aos trabalhos primordiais do nosso longo drama de vida evolutiva. Desde a ameba, na tépida água do mar, até o homem, vimos lutando, aprendendo e selecionando invariavelmente. **Para adquirir movimento e músculos, faculdades e raciocínios, experimentamos a vida e por ela fomos experimentados, milhares de anos.** As páginas da sabedoria hinduísta são escritos de ontem, e a Boa-Nova de Jesus-Cristo é matéria de hoje, comparadas aos milênios vividos por nós, na jornada progressiva. (XAVIER, 1984, p. 45-46) (grifo nosso).

Como é que um cristal, que rola no leito de um rio, “morre” para que a crisálida, que possivelmente esteja nele, passe para o estágio evolutivo seguinte? Quando nós usamos esses cristais, incrustando-os nas paredes de nossas casas, a crisálida ficaria ali presa indefinidamente? Devemos proteger os cristais como estamos procurando fazer em relação aos seres vivos dos outros reinos da natureza? Esses são alguns quesitos que poderíamos fazer a André Luiz.

Interrompeu-se o Assistente por alguns segundos, como a dar-me tempo para refletir.

Em seguida, continuou, atencioso:

– Na verdade, não há nisso mistério algum. **Voltemos aos ascendentes em evolução, O princípio espiritual acolheu-se no seio tépido das águas, através dos organismos celulares, que se mantinham e se multiplicavam por cissiparidade.** Em milhares de anos, fez longa viagem na esponja, passando a dominar células autônomas, impondo-lhes o espírito de obediência e de coletividade, na organização primordial dos músculos. Experimentou longo tempo, antes de ensaiar os alicerces do aparelho nervoso, na medusa, no verme, no batráquio, arrastando-se para emergir do fundo escuro e lodoso das águas, de modo a encetar as experiências primeiras, ao sol meridiano. Quantos séculos consumiu, revestindo formas monstruosas, aprimorando-se, aqui e ali, ajudado pela interferência indireta das Inteligências superiores? Impossível responder, por enquanto. Sugou o seio farto da Terra, evolucionando sem parar, através de milênios, até conquistar a região mais alta, onde conseguiu elaborar o próprio alimento.

Calderaro fixou em mim significativo olhar e perguntou:

– Compreendeste suficientemente?

Ante o assombro das ideias novas que me fustigavam a imaginação, impedindo-me o minucioso exame do assunto, o esclarecido companheiro sorriu e continuou:

– Por mais esforços que envidemos por simplificar a exposição deste delicado

tema, o retrospecto que a respeito fazemos sempre causa perplexidade. Quero dizer, André, que o princípio espiritual, desde o obscuro momento da criação, caminha sem detença para frente. Afastou-se do leito oceânico, atingiu a superfície das águas protetoras, moveu-se em direção à lama das margens, debateu-se no charco, chegou à terra firme, experimentou na floresta copioso material de formas representativas, ergueu-se do solo, contemplou os céus e, depois de longos milênios, durante os quais aprendeu a procriar, alimentar-se, escolher, lembrar e sentir, conquistou a inteligência. **Viajou do simples impulso para a irritabilidade, da irritabilidade para a sensação, da sensação para o instinto, do instinto para a razão.** Nessa penosa romagem, inúmeros milênios decorreram sobre nós. Estamos, em todas as épocas, abandonando esferas inferiores, a fim de escalar as superiores. O cérebro é o órgão sagrado de manifestação da mente, em trânsito da animalidade primitiva para a espiritualidade humana. (XAVIER, 1984, p. 57-59) (grifo nosso).

Nesse trecho da obra, ficamos com a impressão de que André Luiz já não mais fala nada do reino mineral; porém, que progredia através de organismos celulares, que, como se sabe, fazem parte dos seres vivos.

## 2) *Evolução em dois mundos*

A imensa fornalha atômica estava habilitada a receber as sementes da vida e, sob o impulso dos Gênios Construtores, que operavam no orbe nascituro, vemos o seio da Terra recoberto de mares mornos, invadido por gigantesca massa viscosa a espriar-se no colo da paisagem primitiva.

Dessa geleia cósmica, verte o princípio inteligente, em suas primeiras manifestações...

Trabalhadas, no transcurso de milênios, pelos operários espirituais que lhes magnetizam os valores, permutando-os entre si, sob a ação do calor interno e do frio exterior, as mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma de que se lhes derivaria a existência organizada no Globo constituído.

Séculos de atividade silenciosa perpassam, sucessivos...

**NASCIMENTO DO REINO VEGETAL** — Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva, por centros microscópicos de força positiva, estimulando a divisão cariocinética.

Evidenciam-se, desde então, as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início.

Milênios e milênios chegam e passam...

**FORMAÇÃO DAS ALGAS** — Sustentado pelos recursos da vida que na bactéria e na célula se constituem do líquido protoplásmico, o princípio inteligente nutre-se agora na clorofila, que revela um átomo de magnésio em cada molécula, precedendo a constituição do sangue de que se alimentará no reino animal.

O tempo age sem pressa, em vagarosa movimentação no berço da Humanidade, e aparecem as algas nadadoras, quase invisíveis, com as suas caudas flexuosas, circulando no corpo das águas, vestidas em membranas celulósicas, e mantendo-se à custa de resíduos minerais, dotadas de extrema motilidade e sensibilidade, como formas monocelulares em que a mônada já evoluída se ergue a estágio superior.

Todavia, são plantas ainda e que até hoje persistem na Terra, como filtros de evolução primária dos princípios inteligentes em constante expansão, mas plantas superevolvidas nos domínios da sensação e do instinto embrionário, guardando o magnésio da clorofila como atestado da espécie.

Sucedendo-as, por ordem, emergem as algas verdes de feição pluricelular, com novo núcleo a salientar-se, inaugurando a reprodução sexuada e estabelecendo vigorosos embates nos quais a morte comparece, na esfera de luta, provocando metamorfoses contínuas, que perdurarão, no decurso das eras,

em dinamismo profundo, mantendo a edificação das formas do porvir.

**DOS ARTRÓPODOS AOS DROMATÉRIOS E ANFÍTRIOS** — Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada, a que nos referimos, nos domínios dos artrópodos, de exosqueleto quitinoso, cujo sangue diferenciado acusa um átomo de cobre em sua estrutura molecular, para, em seguida, surpreendê-la, guindada à condição de crisálida da consciência, no reino dos animais superiores, em cujo sangue — condensação das forças que alimentam o veículo da inteligência no império da alma — detém a hemoglobina por pigmento básico, demonstrando o parentesco inalienável das individualizações do espírito, nas mutações da forma que atende ao progresso incessante da Criação Divina.

**Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do protoplasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico aos fetos e às lycopodiáceas, aos trilobites e cistídeos aos cefalópodes, foraminíferos e radiolários dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu espongiários e celenterados da era paleozoica, esboçando a estrutura esquelética.**

Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arquegossauros e labirintodontes para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos, procedentes dos répteis teromorfos.

Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfítérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. (XAVIER, 1987, p. 31-34) (grifo nosso).

**AUTOMATISMO E HERANÇA** — Assim como na coletividade humana o indivíduo trabalha para a comunidade a que pertence, entregando-lhe o produto das próprias aquisições, e a sociedade opera em favor do indivíduo que a compõe, protegendo-lhe a existência, no impositivo do aperfeiçoamento constante, nos reinos menores o ser inferior serve à espécie a que se ajusta, confiando-lhe, maquinalmente, o fruto das próprias conquistas, e a espécie labora em benefício dele, amparando-o com todos os valores por ela assimilados, a fim de que a ascensão da vida não sofra qualquer solução de continuidade.

Se, no círculo humano, a inteligência é seguida pela razão e a razão pela responsabilidade, nas linhas da Civilização, sob os signos da cultura, observamos que, na retaguarda do transformismo, o reflexo precede o instinto, tanto quanto o instinto precede a atividade refletida, que é base da inteligência nos depósitos do conhecimento adquirido por recapitulação e transmissão incessantes, nos milhares de milênios em que o princípio espiritual atravessa lentamente os círculos elementares da Natureza, qual vaso vivo, de forma em forma, até configurar-se no indivíduo humano, em trânsito para a maturação sublimada no campo angélico.

Desse modo, em qualquer estudo acerca do corpo espiritual, não podemos esquecer a função preponderante do automatismo e da herança na formação da individualidade responsável, para compreendermos a inxequibilidade de qualquer separação entre a Fisiologia e a Psicologia, porquanto ao longo da atração no mineral, da sensação no vegetal e do instinto no animal, vemos a crisálida de consciência construindo as suas faculdades de organização, sensibilidade e inteligência, transformando, gradativamente, toda a atividade nervosa em vida psíquica. (XAVIER, 1987, p. 38-39) (grifo nosso).

#### GENEALOGIA DO ESPÍRITO – [...]

Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à sociedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução tilogenética de todo o reino animal, demonstrando que além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do espírito.

Com a Supervisão Celeste, o princípio inteligente gastou, desde os vírus

e as bactérias das primeiras horas do protoplasma na Terra, mais ou menos quinze milhões de séculos, a fim de que pudesse, como ser pensante, embora em fase embrionária da razão, lançar as suas primeiras emissões de pensamento contínuo para os Espaços Cósmicos. (XAVIER, 1987, p. 52-53) (grifo nosso).

Muito técnicas as considerações de André Luiz, que não nos permite, por falta de conhecimento, delinear o seu pensamento com segurança, pois, em princípio, pareceu-nos que aponta o reino mineral como sendo o início da evolução da mônada, entretanto, no último parágrafo, tem-se a impressão de que, para ele, o ponto inicial já não é mais o reino mineral.

### Conclusão

Pelo que se pode ver, não há ainda, no meio Espírita, uma posição nítida em relação ao assunto. Entretanto, levando-se em conta as opiniões do Codificador, que mais ressalta o ponto inicial como sendo o reino animal, estaríamos, pelo menos por enquanto, mais para defender essa posição. Inclusive, podemos trazer a opinião de Kardec mencionada pelo seu amigo o Capitão Bourgués, autor do livro *“Psychologie Transformiste-Evolution de l’Intelligence”*, conforme citação de Charles Trufy, *Causeries Spiritiques* constante da obra *Da Bíblia aos nossos dias*, de Mário Cavalcanti de Melo (?-?):

Quando Kardec fez sua viagem espírita em 1862, nos veio visitar em Provins, onde nos encontrávamos acampados; tivemos a alegria de ter o mestre alguns dias conosco. Em sua palestra ele não nos escondeu nossa origem animal, e nos falou do progresso que devia fazer o espírito para chegar à perfeição. Ele nos recomendou, sobretudo, de aprofundar todos os ramos da Ciência, assegurando-nos que nos elevaríamos por ela, e que encontraríamos no Livro dos Espíritos os elementos para tudo conhecer e tudo abraçar. (MELO, 1954, p. 95) (grifo nosso).

Certamente, que se Kardec fosse da opinião que o princípio inteligente tivesse passado pelo reino mineral teria dito isso; porém, ele afirma, categoricamente, que foi no reino animal, a não ser que tomemos a declaração acima como inverídica.

Temos uma opinião bem interessante que é a do companheiro Luiz Gonzaga Pinheiro (?- ), autor do livro *Perispírito e suas modelações*, do qual transcrevemos:

O princípio inteligente não pode agir diretamente sobre a matéria, a não ser revestindo-se de outro tipo de matéria semicondensada que possibilite o intercâmbio de informações e sensações de um para o outro.

O início de nosso estudo sobre o perispírito começa neste ponto, onde o princípio inteligente aliando-se aos cristais demora-se por séculos, forçando a matéria a obedecer a uma geometria definida, tornando seu esboço perispiritual maleável, gravando no mesmo, formas e linhas precisas.

Quanto aos corpos brutais, tais como os minerais (rochas, Ferro, Zinco, Ouro, dentre outros) abstenho-me de comentários, mesmo porque não encontro pouca lógica na união do princípio inteligente na matéria bruta, onde ele ficaria apático sem nenhuma aprendizagem. Na condição de prisioneiro em matéria bruta ele permaneceria adormecido, estático, sem registros, a não ser que esteja desenvolvendo uma afinidade de ordem química.

A dificuldade em se admitir o princípio inteligente adormecido na matéria bruta deve-se as transformações que ela sofre, às vezes, irreversíveis. Alguém poderá sustentar que o princípio inteligente encontra-se inerte na matéria. Mas em que tipos de materiais? O Ferro é trabalhado pelo fogo e serve às necessidades humanas. De outra feita sofre oxidação e é consumido pela ferrugem. A rocha é desgastada pelas intempéries e virá pó. Outro tanto vai para as construções de estradas e residências. O Ouro é transformado em joias para adornar a vaidade e fomentar a cobiça, ou fica preso em cofres fortes. O Zinco atende as necessidades da construção civil. Poder-se-ia dizer que nesses materiais o princípio inteligente estaria adormecido: E o que ocorreria com ele, caso habitasse esses materiais, quando os mesmos sofrem transformações irreversíveis tais como a queima da madeira? Uma lei não pode ser estabelecida em cima de incertezas. Ou o princípio

inteligente encontra-se adormecido nos minerais ou não. Apelando para o senso prático, perguntamos: por que estaria, para nada aprender ou em nada contribuir?

Onde a matéria bruta inicia um princípio de organização formal (não falo de átomos e moléculas) obedecendo a formas geométricas em sua divisão, é que iniciaremos o nosso estudo, colocando aí a união dos dois princípios, material e inteligente, gênese da mais admirável de todas as sagas do universo, a busca da autonomia espiritual. (PINHEIRO, p. 36-37) (grifo nosso).

Deixamos propositalmente para o final, para demonstrar que, embora aceitando que o princípio inteligente tenha estagiado no reino mineral, Pinheiro, delimita-o apenas nos cristais. Não descartamos haver uma grande possibilidade de que outros autores espíritas também possam ter essa mesma opinião.

Uma coisa tem que ficar clara, para todos nós, é sobre isto que Kardec disse, que, aqui, fazemos questão de repetir: *“O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação”*. (KARDEC, 1993b, p. 223), portanto, o assunto poderá estar ainda em aberto para uma posterior decisão. Quem sabe se já não estamos a caminho dela?...

Físicos quânticos afirmam que o elétron que viaja, sem um caminho visível, entre as órbitas do átomo, em seus saltos quânticos, apresenta um “comportamento”. A uma partícula elementar que apresenta comportamento entende-se que essa partícula, mesmo de forma simples e rudimentar, se apresenta “inteligente”.

Essa forma de inteligência é ainda desconhecida, tanto que explicá-la pela ciência acadêmica é tarefa ainda impossível. Porém, é possível inferir pelos postulados da Doutrina Espírita, que há inteligência na matéria, possibilitando a sua relação com o “princípio inteligente”. (AUNI, 2011, p. 182-184) (grifo nosso).

Certamente que a aceitação dessa hipótese levantada por Adams Auni (?- ) vai demorar, entretanto, mais dia, menos dia a verdade virá à tona, vencendo todos os obstáculos que lhe surgem pela frente. Aí vale o adágio popular: “quem sobreviver verá”.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
set/2006.  
(revisado fev/2012)

#### Referências bibliográficas:

- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5.* São Paulo: Candeia, 1995.
- CIAMPONI, D. *A evolução do princípio inteligente.* São Paulo: FEESP, 2001.
- DELANNE, G. *A evolução anímica.* Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- DELANNE, G. *A reencarnação.* Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DELANNE, G. *O Espiritismo perante a ciência.* Rio de Janeiro: FEB, 1993.
- DENIS, L. *Depois da Morte.* Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor.* Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- KARDEC, A. *A Gênese.* Rio de Janeiro: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo.* Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos – Primeira edição de 1857.* Itaim Bibi, SP: Ipece, 2004.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos.* Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos.* Rio de Janeiro: FEB, 2007a.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861.* Araras, SP: IDE, 1993c.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865.* Araras, SP: IDE, 2000a.

- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*. Araras, SP: IDE, 1993b.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras, SP: IDE, 1999.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras, SP: IDE, 1993a.
- MELO, M.C. *Da Bíblia aos nossos dias*, Curitiba: FEP, 1954.
- NETO SOBRINHO, P. S. *A alma dos animais: estágio anterior da alma humana?*. Divinópolis-MG: Panorama Espírita, 2006.
- PINHEIRO, L. G. *O perispírito e suas modelações*. Capivari, SP: EME, 2009.
- PIRES, J. H. *A evolução espiritual do homem (na perspectiva da doutrina espírita)*. São Paulo: Paideia, 2005.
- PORTASIO FILHO, M. O. *Deus, Espírito e Matéria*. São Paulo: FEESP, 2000.
- ROUSTAING, J. B. *Os quatro evangelhos. Revelação da Revelação. Vol. 1*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.
- RUSSO, S. O. *Insólito: mistérios do céu, da terra, do espaço e do tempo*. s/local, s/data.
- SHUTEL, C. *A Gênese da Alma*. Matão, SP: O Clarim, 1982.
- XAVIER, F. C. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. *No Mundo Maior*. Rio de Janeiro: FEB, 1984.
- ALEX, A. *Atuação do Princípio Inteligente não Começa nos Minerais*. Texto disponível em <http://portalespirito.com/diversos/atuacao-do-principio-inteligente.htm>, acesso em 06.05.2011, às 11:20hs.
- AUNI, A. Princípio Inteligente e matéria inteligente. In *Revista Internacional de Espiritismo*. Ano LXXXVI, nº 04, Matão, SP: O Clarim, maio/2011, p. 182-184
- Revista Internacional de Espiritismo*. Ano LXXXVI, nº 04, Matão, SP: O Clarim, maio/2011.

(A versão original, bem reduzida, com apenas sete páginas, foi publicada na *Revista Espiritismo e Ciência*, Ano 4, nº 46, p. 29-32).